

Transcrição Datilográfica

1. Lauda de 20 linhas
2. Margem de 4 cm à esquerda e 1 cm à direita
3. Espaço 3
4. Evitar separar as palavras no final de linha e arrematá-las com barras
5. Trechos ininteligíveis assinalar com a palavra ininteligível
6. Os inaudíveis com a palavra inaudível
7. Marcar momentos em que houver superposição de vozes
8. Hesitação marcadas com reticências
9. No D-2 os dois informantes serão identificados pelo nº respectivo
10. As interferências do documentador figurarão entre colchetes
11. Código escrito - entre parênteses os segmentos omitidos em palavras como: (v)ocê, (es)ta(r)
12. Admite-se grafia tais como: pra, pro, prun, né, num.

NORMAS DE TRANSCRIÇÃO (cont.)

OBSERVAÇÕES:

1. Iniciais maiúsculas: só para nomes próprios ou para siglas (USP etc)
2. Fáticos: ah, éh, eh, ahn, ehn, uhn, tá (não por está; tá? você está brava?)
3. Nomes de obras ou nomes comuns estrangeiros, grifar.
4. Número; devem estar por extenso.
5. Não se indicará o ponto de exclamação (frase exclamativa)
6. Não deve ser anotado o cadenciamento da frase.
7. Podem-se combinar sinais, por exemplo: oh;:;... (alongamento e pausa)
8. Não serão utilizados sinais de pausa, típicos da língua escrita, como ponto e vírgula, ponto final, dois pontos, vírgula. As reticências marcarão qualquer tipo de pausa.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

DEPARTAMENTO DE LETRAS

"PROJETOS DO DEPARTAMENTO DE LETRAS"

Dias 20 e 21 de Março de 1985.

Fineza fornecer as informações abaixo à _____
até 2ª feira, dia 11 de março.

- 1- Título do Programa: NURC/ Pós-Graduação em Letras e Linguística.
- 2- Título do Projeto: Implementação de normas e técnicas de transcrição do discurso conversacional.
- 3- Equipe: Lucinda Brito
Esman Dias
Francisco Gomes Matos
Piedade Sá
Graça Marinho
Ítala Wanderley
Lúcia Oliveira
LUIZ ANTÔNIO MARCUSCHI
- 4- Propostas: Levantamento bibliográfico da literatura especializada com vistas a sistematização e ulterior estabelecimento de normas e técnicas que atendam não somente às necessidades específicas do Projeto da Norma Urbana Culta, mas também no geral às dos pesquisadores no campo. Numa etapa ulterior do Projeto deverá vir a lume um manual, coligindo as diversas modalidades de transcrição coletadas, bem como aquela de nossa particular eleição acompanhada de recomendações de ordem técnica, que sirvam de vade-mécum ao pesquisador.
- 5- Linhas de Ação: Pesquisa bibliográfica, Seminários individuais e em grupo, Sistematização dos símbolos utilizados na transcrição, Elaboração de um texto para publicação.
- 6- Apoio: Pós-Graduação em Letras e Linguística.

1-NORMAS PARA TRANSCRIÇÃO DATILOGRÁFICA

Normas de transcrição datilográfica aprovadas em Reuniões Nacionais do Projeto (IV Reunião, 1971, Rio; VII Reunião, 1974, São Paulo)

- 1- Lauda de 20 linhas
- 2- Margem de 4cm à esquerda e 1cm à direita
- 3- Espaço 3
- 4- Evitar separar as palavras no final de linha e arrematá-las com barras
- 5- Trechos ininteligíveis assinalar com a palavra ININT.
- 6- Os inaudíveis com a palavra INAUD.
- 7- Marcar momentos em que houver superposição de vozes
- 8- Hesitação marcada com reticências
- 9- No D-2 os dois informantes serão identificados pelo nº respectivo
- 10- As interferências do documentador figurarão entre colchetes
- 11- Admite-se grafias tais como: pra, pro, prum, né, num, etc.
- 12- Virão entre parênteses os seguimentos omitidos em palavras tais como (v)ocê, (es)ta(r)

2-PROBLEMAS

- 1- Marcar os trechos inaudíveis, ininteligíveis e superpostos
- 2- Assinalar as pausas: reticência, intervalo
- 3- Hesitação a) com alongamento ooo, oao
b) com supressão o hom..., a mu..., o menino
- 4- Interrupção para retificação
- 5- Como grafar as alterações de certas formas:
tá (tá bom), (tá certo) e ((es)ta(r)), né, pru, prum, num (v)ocê, cê
- 6- Interferências externas como: riso, tosse, etc.

SUGESTÕES PARA A TRANSCRIÇÃO

PONTOS A DISCUTIR

1. Anotar entre colchetes as interferências internas e externas, que tenham repercussão no prosseguimento da entrevista e na estruturação da sentença.

2. Colocar numa chave as superposições e registrar as falas dos locutores obedecendo à seqüência dos turnos

Ex:

}	A.....	/superp. /
	B.....	
	A.....	

3. A participação do pesquisador deve ser assinalada pela letra D

4. Os colchetes devem ser reservados para observações de caráter extralingüístico

5. Decisão quanto à transcrição dos aspectos morfo-fonêmicos

Ex: tã, nê, quê, pra, pru, etc.

6. Distinguir os tipos de pausa :

a) hesitação (alongamento) - marcar a palavra com maiúscula

b) tomada de turno

c) características do falante

7. Interrupção - marcar o tempo e indicar a causa

8. // pausa final de unidade proposicional

ponto de interrogação

9. Fala simultânea

[A.....]
	B.....	

10. Marcar a pontuação de acordo com as normas conversacionais, utilizando símbolos próprios.

Sinais para a transcrição

() para segmentos não consecutivos

(falou): segmentos hipotetizados

(...) pausas = (·) = micro; (···) = média de 2,5 seg. (3, 0) = longa

((xindo)) comentários do transcritor

a: = alongamento de vogais

ooo = gagueira

letras maiúsculas = ênfase

hífen = sílabação

virgula = tom baixo = (·)

aspa simples = tom alto = (; ;)

aspa dupla = interrogação, exclamação = (? !)

/ interrupção brusca

[superposição

/.../ corte de segmento

I e funciona como marcador quando ele não é um simples conectivo, mas um encaixador (= daí, então)

U.C. - não é uma unidade informacional, é uma unidade de processo

<u>OCORRÊNCIAS</u>	<u>SI NAI S</u>	<u>EXEMPLIFICAÇÃO</u>
1. Incompreensão de palavras ou segmentos	()	de nível de renda., () nível de renda nominal.,.,
2. Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	(estou)meio preocupado (com o gravador)
3. Truncamento (havendo fonografia, usa-se acento indicativo da tônica e/ou timbre	/	e comê/ e reinicia
4. Entoação enfática	maiúsculas	porque as pessoas retê moeda
5. Prolongamento de vogal e consoantes (como s, x)	:: podendo aumentar para::: ou mais	ao emprestarem os.,., êh;;; ,., o dinheiro
6. Silabação	-	por motivo transa-ção
7. interrogação	?	e o Banco.,.Central... certo?
8. Qualquer pausa	...	são três motivos.,.ou três razões.,.que faz com que se retenha moeda.,. existe uma.,. retenção
Comentários descritivos do transcritor	((minúsculas))	((tossiu))
10. Comentários que quebram a seqüência temática da exposição; desvio temático	-- --	,., a demanda de moeda vamos das essa notação-- demanda de moeda por motivo
11. Superposição, simultaneidade de vozes	[ligando as linhas	A, na casa da sua irmã B, sexta-feira?
12. Indicação de que a fala foi tomada em determinado ponto, não no seu início ou que continua além da gravação	(...)	(.,.) nós vimos que existem
13. Citações literais ou leituras de texto	" "	Pedro Lima escreve na "cinema falado.,."

Na sua *Grammar of the Portuguese Language*, em que Joseph Dunn se occupou da fonética portugueza, foi adoptado com ligetas alterações o sistema proposto por Gonçalves Vianna no trabalho *Portugalia*.

Nos seus cursos de filologia portugueza² Paiva Botão tem utilizado um certo sistema que ainda não publicou. Conhecemos esse sistema mediante trechos de alunos do referido Professor.³ Achamos que este sistema utiliza um número excessivo de diacríticos em relação ao número de variantes assignadas. Succede ainda que o número de diacríticos teria de ser augmentado de modo inconveniente em transcrições mais pomnenciadas.

Atendendo ao exposto, vamos apresentar um sistema que nos parecer ser o mais aconselhável para transcrever o Português normal e que poderá servir de base na transcrição de falares portuguezes.

Princípios a que obedece o sistema:

1) Adopção do alfabeto da *Association Phonétique Internationale* em todos os casos em que não surja motivo especial para se deixar de o utilizar.⁴

2) Inapplicável a ideia de um alfabeto applicável a todas as linguas desde que se exija que um mesmo sinal traduza, *exactamente*, o mesmo som. Se, por exemplo, duas linguas possuírem um *o aberto* e um *o fechado*, poderemos utilizar nos dois idiomas os mesmos sinais (*o, o*) apesar de sabermos que os dois pares de letras differem em uma e em outra lingua. Visto que assim é, só vamos conveniência em utilizar, na medida do possível, o alfabeto da *A. P. I.*

3) Evitar, dentro de um critério prático, diacríticos, como succede com o alfabeto da *A. P. I.* Evitar, igualmente, o emprego de letras maiúsculas e de letras invertidas. Facilita-se deste modo a escrita, a impressão e a leitura. Todavia quando for necessário ampliar o alfabeto de modo a poder ser utilizável na transcrição de falares, admitir-se-á maior número de diacríticos, número esse que seria muito maior e complicaria, portanto, demastadamente o sistema, se não tivéssemos reduzido, já, o emprego de diacríticos em transcrições do Português normal.

4) Perante as inúmeras variantes fónicas, auditivas, torna-se necessário limitar o número de sinais segundo conveniências de ordem prática.

1 *Portugalia*, 1930.

2 Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

3 V., por exemplo, *Portugalia Portuguesa de Ethnologia*, vol. II, ts. I e II, pp. 175-179.

4 Além das siglas da *A. P. I.* que figuram no sistema que vamos apresentar, utilizaram-se alguns símbolos do *Landnámalfabet* sueco, bem como outros da nossa autoria.

SISTEMA DE TRANSCRIÇÃO

a) VOGAIS ORAIS:

a	como em	má	.	i	como em	vira, mil
ã	»	mal	.	ã	»	tijolo
u	»	ano	.	o	»	pó
e	»	pé	.	o	»	avó
e	»	mel	.	o	»	novito
e	»	vê	.	u	»	cu
i	»	ví	.	o	»	ceder

Observações:

Como se sabe, uma vogal não acentuada differ de uma vogal acentuada pela sua duração, tensão, nível tonal e preciso da qualidade. Todavia, transcrevemos cada vogal por um dado sinal quer essa vogal seja, ou não, acentuada.

O *o* é intermédio entre *u* e *o* fechado e parece-nos que o seu emprego é assistemático. Como é muito próximo de *u* não acentuado succede, frequentemente, não o podermos empregar com exactidão.

Utilizamos, apenas, uma letra invertida: [j], símbolo usado pela *A. P. I.* que oferece a vantagem de ter sido já empregado na transcrição de muitas linguas.

Uma vogal seguida de *l* com o qual forma sílaba é modificada, em maior ou menor grau, conforme a sua qualidade vocálica. Só utilizamos símbolos especiais para as vogais assim modificadas quando se trata de *a*, e ou de *i*, atendendo a que a modificação soffida por outra qualquer vogal seguida de *l* é menos sensível.

b) DITONGOS E TRITONGOS ORAIS:

ãu	como em	paí		iuá	como em	poeira
ãu	»	paí		iuá	»	mirim
ia	»	diabo				»	etc.
uá	»	quatro					

Observações:

Nos ditongos e tritongos assinalamos o elemento predominante, o que torna inútil o emprego do sinal [v] sobre o elemento, cu elementos, de menor valor.

Articulação e acusticamente os elementos do menor valor dos ditongos, ou triângulos, carecem, quase totalmente, de características que se consideram próprias das consoantes. Naturalmente, não há necessidade de empregar sinais para os designar, diversos dos que adoptámos para as vogais *u, w*.

c) VOGAIS NASAIS:

<i>ã</i>	como em <i>antiguidade</i>	<i>i</i>	como em <i>lim</i>
<i>ā</i>	» » <i>lã</i>	<i>ō</i>	» » <i>tom</i>
<i>ĩ</i>	» » <i>lengo</i>	<i>ũ</i>	» » <i>um</i>

d) DITONGOS NASAIS 1:

<i>di</i>	como em <i>mãe</i>	<i>hi</i>	como em <i>mito</i>
<i>đi</i>	» » <i>pensões</i>	<i>đũ</i>	» » <i>pão</i>

e) CONSOANTES:

<i>b</i>	como em <i>boa</i>	<i>ɸ</i>	como em <i>barco</i>
<i>β</i>	» » <i>cabo</i>	<i>p</i>	» » <i>pó</i>
<i>d</i>	» » <i>dar</i>	<i>r</i>	» » <i>caro</i>
<i>đ</i>	» » <i>cada</i>	<i>ʀ</i>	» » <i>carne</i>
<i>f</i>	» » <i>fê</i>	<i>ʀ</i>	» » <i>rosa</i>
<i>g</i>	» » <i>gato</i>	<i>ʀ</i>	» » <i>as rosas</i>
<i>ɣ</i>	» » <i>fraga</i>	<i>ʁ</i>	» » <i>rosas (vibrante uvular)</i>
<i>k</i>	» » <i>cão</i>	<i>s</i>	» » <i>sé</i>
<i>l</i>	» » <i>lar</i>	<i>z</i>	» » <i>asa</i>
<i>l</i>	» » <i>cal</i>	<i>t</i>	» » <i>tu</i>
<i>ʎ</i>	» » <i>filho</i>	<i>v</i>	» » <i>vime</i>
<i>n</i>	» » <i>ná</i>	<i>f</i>	» » <i>chá, este</i>
<i>n</i>	» » <i>nó</i>	<i>ʃ</i>	» » <i>já</i>
<i>ɲ</i>	» » <i>banho</i>	<i>ʒ, h, j, w</i>	» » » »

1 Gonçalves Vianna colectava o III fundamental sobre o elemento predominante do ditongo nasal apesar de considerar esta notação imperfeitamente exacta. V. *Portugals*, p. 15.

Observações:

m, n, ɲ: Os sons de transição entre uma vogal nasal e uma oclusiva são, geralmente, transitorios em tipo menor. Indica-se, assim, uma nuance de frouxa tensão articulatória e grande brevidade. Exs: *kã, kã, hã, hã, kũ, kũ*.

r: vibrante simples apicalveolar.

ʀ: vibrante múltipla apicalveolar menos tensa do que *r*.

r: vibrante múltipla apicalveolar.

r: vibrante fricativa apicalveolar que aparece, por vezes, como exemplo no conjunto 'as rosas'.

ʁ: vibrante múltipla uvular. Este tipo de articulação constitui, efectivamente, uma pronúncia muito frequente que já não podem considerar «encore vicieuses» como o reconheceu, então, Gonçalves Vianna.

f: apesar das variantes que apresenta a fricativa palatal alveolar, n achamos conveniente empregar mais do que um sinal?

? : indica a oclusiva laríngea, que só aparece em português cc função expressiva.

h: indica aspiração 5. Esta aparece em algumas interjeições.

J: indica uma fricativa que aparece algumas vezes na combinação *v + vogal*. Exs.: *dia -- dʒ/a*.

w: indica uma fricativa que aparece algumas vezes na combinação *u + vogal*. Exs.: *duas -- dʒw/du*. As fricativas *J* e *w* são geralmente motivadas por um elevado grau de tensão expressiva.

SINAIS DIACRÍTTICOS

- [ʀ] indica nasalidade.
- [l] indica maior grau de abertura.
- [.l] indica menor grau de abertura.
- [o] indica que o som marcado por este sinal deixou de ser vozeado
- [-l] indica que o som marcado por este sinal passou a ser vozeado.
- [ʔ] indica aspiração.
- [ʔ] indica uma oclusiva reduzida à sua implosão.
- [·] em seguida a um símbolo indica maior ditongão.

1 *Portugals*, p. 19.

2 V. Lacerda-Rogers, *Sons dependentes da Fricativa Palatal*. *Ítem*, em *Portugals*, Coimbra, 1939.

3 Um dos autores (L) prefere a designação *apicalveolar*, mas adoptamos o termo tradicional, neste trabalho, para evitar possíveis confusões.

- [] em seguida a um símbolo indica maior duração.
- [] em seguida a um símbolo indica menor duração.
- [] a colocação de um símbolo entre parêntesis indica, conforme as circunstâncias, que o respectivo som pode ser pronunciado ou suprimido sem que a pronúncia da palavra transcrita deixe de ser considerada normal, ou que se trata de um som de existência duvidosa.
- [] indica um acento predominante, quer estrutural quer expressivo.
- [] indica um acento dominante, quer estrutural quer expressivo.
- [] indica um acento subdominante, quer estrutural quer expressivo.
- [] indica um acento estrutural de uma vogal que não é expressivamente acentuada.
- [] indica o limite silábico.
- [] indica valor silábico.

Observações:

Os sinais indicadores de menor, maior ou de muito maior duração são utilizados com pouca frequência atendendo à dificuldade em se estabelecer uma escala de valores relativos.

Tanto as vogais como os sons consoanticos podem ser pronunciados com tão grande brevidade e pequena tensão articulatória que se torna conveniente transcrevê-los mediante os símbolos respectivos em tipo menor.

Sobre acentuação veja-se o que se diz nas páginas 126-127.

Dispusemos os símbolos do sistema de modo a formar o quadro reproduzido na página 125. A disposição das vogais não se baseia no exame espectrográfico. Obviamente, essencialmente, a uma interpretação subjetiva da articulação.

* * *

Passamos a descrever os determinantes que predominaram no condicionamento da colocação de um texto que vamos transcrever a fim de se poder avaliar as possibilidades do sistema.

CONDICIONAMENTO DA ELOCUÇÃO DO TEXTO

O texto que vamos transcrever baseia-se na conhecida Parábola dos Sete Vinhas¹, e foi por nós modificado de modo a conter todos os fonemas portu-
gueses e um grande número de variedades combinações tónicas.

¹ Os graus de duração (graves, médio graves, normais) devem entender-se relativamente à duração que em casos semelhantes naturalmente se faz sentir.

² V. Trindade Coelho, *Os sete Vinhas*.

SISTEMA DE TRANSCRIÇÃO FONÉTICA DO PORTUGUÊS NORMAL

	Bilabiais		Labiodentais		Dentais		Alveolares		Palatais		Velares		Uvulares		Laringais	
	átomos	vozeadas	átomos	vozeadas	átomos	vozeadas	átomos	vozeadas	átomos	vozeadas	átomos	vozeadas	átomos	vozeadas	átomos	vozeadas
Oclusivas	p	b			t	d					k	g				ʔ
Alentivas		β w	f	v	s	z δ	r		ʃ	ʒ j	x	ɣ				h
Fricativas							l			λ						
Vibrantes							r ʀ ʁ									
Nasais		m					n			ɲ		ŋ				
	<p style="text-align: center;">Anteriores Centrais Posteriores</p> <p style="text-align: center;">i e ε a</p> <p style="text-align: center;">ɨ ɛ ɔ ɔ</p> <p style="text-align: center;">e ε ɔ ɔ</p> <p style="text-align: center;">ε ε ɔ ɔ</p> <p style="text-align: center;">a a a</p>															

- nasalidade; ː maior abertura; ˑ menor abertura; ˒ desvozeamento; ˓ vozeamento; ˔ aspiração; ˕ supressão da explosão; ˖ maior duração; ˗ menor duração; () supressão possível ou existência duvidosa; ˘ acento predominante; ˙ acento dominante; ˚ acento subdominante; ˛ acento estrutural (inexpressivo); ˜ limite silábico; ˝ valor silábico. A simbolização em tipo menor indica existência de fraca tensão articulatória.

O texto foi lido por um leitor (G. C.) com as seguintes características:

Idade: 28 anos.

Sexo: masculino.

Nível cultural: universitário.

Particularidades fonéticas individuais: regulares.

Particularidades fonéticas colectivas: normais.

Logares de permanência: Os primeiros 15 anos em Coimbra e dos 15 aos 22 em Lisboa. Estive na Suíça dos 22 aos 25, tendo depois voltado para Coimbra.

O texto é constituído por 291 palavras.

Rapidez da dicção: cerca de 3,13 palavras por segundo.

Qualidade da dicção: naturalmente cuidada, correcta e clara.

Nível de intensificação: para um ouvido colocado a uma distância de 3 a 5 metros.

Condicionamento circunstancial: O facto de o leitor se encontrar perante o microfone não motivou qualquer modificação sensível na sua elocução.

O texto foi registado em fita magnética. Para facilitar a análise, decompôs-se em pequenos trechos e cada um destes foi ouvido o número de vezes suficiente para haver a certeza de que só restavam dificuldades de apreciação que o ouvido já não podia resolver. Para obter a audição constantemente repetida de cada trecho fizemos transposições para segmentos de fita magnética cujos extremos foram unidos de forma a permitir uma repetição contínua.

Como processos auxiliares da audição empregámos os seguintes: a) Repetição; b) Audição com velocidade inferior (1/2 daquela com que foi registado o texto); c) Audição em sentido contrário ao do registo.

Utilizámos, alternadamente, auscultadores auriculares e alto-falante. Os processos mais artificiais como, por exemplo, a audição em sentido inverso só foram utilizados quando a apreciação auditiva ofereceu dificuldades que de outra forma não se puderam resolver. Mesmo assim, como mais tarde esclarecemos, subsistiram algumas dúvidas. Dirigimos a nossa atenção de modo a apreciar, auditivamente, só um pequeno segmento fónico de cada vez. Verificámos com frequência que não é possível obter uma transcrição suficientemente fiel para poder servir de base a um estudo que permita aprofundar, devidamente, conhecimentos linguísticos, procurando analisar de uma só vez toda a composição fónica de uma palavra.

Nó que diz respeito ao acento temos de distinguir entre *acentuação expressiva* e *acentuação estrutural*. A acentuação expressiva, como o seu

nome indica, depende da expressão dada à frase pelo falante, ou seja, a acentuação estrutural é condicionada pela estrutura da frase e não pela dada língua. O acento expressivo pode existir, ou não, sobre o acento estrutural, e, portanto, a vogal tónica de uma dada palavra pode não destacar expressivamente a palavra, mas todavia deixar de ser tona vogal estruturalmente tónica.

Distinguímos três graus na acentuação expressiva: acento *predominante, dominante* e *subsidiante* que assimilamos da forma anteriormente indicada. Marcamos por meio de um sinal já indicado na acentuação estrutural não modificada pela expressão.

Pode dizer-se, de uma maneira geral, que acentuar significa destacar por um relevo. Em Português o relevo é dado mediante alterações de tons articulatoria, tom, duração e qualidade. Como sucede em muitas trajectórias, não procurámos no estudo do nosso texto avaliar essas alterações independentemente umas das outras; avaliámos, sêmente, o grau de relevo global. Na apreciação auditiva do grau de acentuação foram consideradas, primeiro lugar, as palavras que constituem conjuntos representativos dentro cada frase do texto e, em segundo lugar, essas mesmas palavras em relação toda a frase. Comparámos, depois, as frases entre si, mas dessa comparação quase nunca resultou uma modificação nas trajectórias já estabelecidas.

Passamos a transcrever o texto:

TRANSCRIÇÃO ORTOGRÁFICA

Era uma vez um pai que tinha sete filhos. Quando estava para morrer chamou-os a todos, e depois de ter olhado inquieto e tristemente para o cé disse-lhos:

— Já não tendes mãe e eu sei que não posso durar muito; mas antes de morrer desejo que cada um de vós me vá buscar ao Campo do Alentejo um vinho seco.

— Eu também? perguntou o mais pequeno — um esbeto rapazinho de quatro anos que andava, inocentemente, a brincar ao sol com duas moedas numa velha chapéu de feltro.

— Tu também, Tingo.

Quando os filhos voltaram com os vinhos, o pai pediu ao mais novo: — Queba esse vinho.

Ao ouvir isto, o miúdo pediu o vinho sem outra lhe custar.

— Agora perto os outros, um a um.

O pequeno obedeceu.

— Traziam, todos, o mesmo tipo de vinho e por isso que viu o pequeno pedir o último sem diferença alguma.

D) *wé:z* (1)¹, *sé:z* *~* *oná:hu f* (18-19)

Adotamos convenientemente respectar na transcrição a divisão em palavras, como na ortografia vulgar, embora essa divisão não corresponda à realidade fonológica. Todavia, quando a parte final de uma palavra forma uma sílaba com a vogal da palavra seguinte, fazemos a transcrição da sílaba assim formada como pertencendo à segunda palavra, ou como sua constituinte se se trata de um monossílabo.

No caso de vogais atando-*os* colocamos o símbolo *z* entre a última sílaba da primeira palavra e a primeira sílaba da última porque tivemos a impressão que o fonema transcrito fazia parte de ambas essas sílabas ocupando uma posição intermediária.

2) *pá* (1), *kaánu* (8), *niáhu* (15), *áviá* (25)

Não indicamos os casos de associação em que a consoante forma sílaba com a vogal anterior ou posterior se essa associação obedecer às leis gerais da língua. Marcamos com um sinal, e dá maneira já indicada, a divisão silábica sempre que vogais contíguas se dissociam. Quando não marcamos divisão silábica, indicamos desse modo que as vogais contíguas formam ditongos ou triângos (conforme o seu número).

Exceptuando *hu* na palavra «hu» (19), o grupo vogal *hônica* + *u*, *i* manifestou a existência de dois componentes de uma só sílaba.

As outras combinações de vogais contíguas motivaram, por vezes, as mesmas impressões nos apreciadores quanto ao número de sílabas, e outras vezes, opiniões discordantes. Foram os seguintes os casos em que houve discordância: «quando» (1, 11, 18), «inquieto» (2), «quatro» (8), «noce-das» (8). L. distinguem duas sílabas e H uma só.

3) *k* (1), *sé:z* (1), *á:país* *ð* (2), *fiá:f* (20)

Uma decomposição silábica orientada por uma apreciação subjetiva levamos a considerar o valor silábico de determinadas consoantes. Esse valor silábico manifestou-se com maior ou menor nitidez, por vezes tão obviamente que surgiram dúvidas.

¹ O algarismo colocado entre parêntesis, em seguida a uma palavra, indica a linha do texto em que essa palavra se encontra.

O *z* (ou a variante *ʔ*), associado, frequentemente, à *p* e *f* final de várias consoantes silábicas; o seu aparecimento é condicionado de modo muito variável pela expressão. Esta parte final é por vezes tão difícil de analisar, que nem sempre é possível transcrevê-la com segurança.

No grupo silábico constituído por consoante mais *z* notasse que este som se faz sempre sentir como simples complemento da consoante. O ouvido percebe, por vezes, um aumento da duração da consoante quando esta é silábica. Como o aumento da duração é muito variável, sucede que não é possível, a não ser excepcionalmente, conseguir-se uma transcrição precisa. Em dois casos o aumento de duração foi tão nítido que não podemos deixar de o anotar.

Sucedo, também, não se conseguir saber se o *z* foi vozeado ou áfono, em virtude do seu nível tonal-duracional ter sido muito baixo. Surge outra dificuldade quando não se pode apurar se a parte final de uma explosiva é constituída por um *ʔ* ou por uma simples explosão. Julgamos termos-nos referido ao essencial sobre a consoante silábica seguida, ou não, de *z*. Conclui-se que uma apreciação auditiva nem sempre é suficiente para garantir uma certeza no caso referido.

Resolvemos marcar com o sinal [] as consoantes que se distinguem (subjetivamente) pelo seu valor silábico. Esta distinção abrange todos os graus desde um valor silábico nitidamente manifestado até ao ponto em que surgem hesitações em virtude desse valor ser demasiado obs-curo para se poder chegar a uma certeza.

4) *fiá:f* (1), *z* (2), *unsewá:meá:ng* (8), *niá:ng* (11)

Notamos duas variantes do fonema *n* não acentuado às quais fizemos corresponder os símbolos *n* e *z*. Essas duas variantes são muito próximas uma da outra. Admitimos a possibilidade da segunda variante ter aparecido com maior frequência do que a marcada na transcrição. Lembra-mos que se trata de uma apreciação auditiva.

5) *tó:si:f* (2), *i á:país* *ð* (2), *kaánu* *ðu nu hu* (5-6)

O texto contém onze casos em que a consoante *l* está colocada no interior de palavra em posição intervocálica. Exceptuando «obedece» (15), todos estes casos manifestaram, claramente, a fricativa *ð* apesar da fricção não ser intensa.

Apresenta também o texto vários exemplos em que a referida consoante inicia a palavra, algumas vezes como fricativa e outras como oclusiva. O número de exemplos é insuficiente para fazer generalizações quanto ao seu comportamento.

16) *ep' q'80u* (15), *ob' 10r* (30)

A primeira palavra criada apresenta um *β* (fricativo) intervocálico e a segunda um *b* (oclusivo) na mesma posição.

17) *q' d'izã* (30)

Supomos que a pronúncia corresponda à transcrição dada, apesar das dificuldades de apreciação motivadas pela breve duração e fronsa tenção do primeiro fonema.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A AUDIÇÃO E TRANSCRIÇÃO DE UM TEXTO

Decidimos examinar o texto utilizando o máximo rendimento do ouvido. Não interessou, de momento, recorrer aos meios auxiliares de que dispõe um laboratório de fonética moderno pela razão de não querermos modificar os dados colhidos auditivamente mediante uma análise instrumental. Certo é que o nosso exame subjectivo sugeriu problemas que nos parecem suficientemente interessantes para merecerem uma análise objectiva.

O exame auditivo do texto, não obstante a relativa brevidade deste exigiu um total de cerca de vinte horas. Em muitos casos foi necessário ouvir muitas repetições antes de nos podermos libertar de ilusões auditivas provocadas por ideias preconcebidas. Nas apreciações de maior dificuldade tivemos de repetir, dez ou mais vezes, a audição de determinado segmento do texto para chegarmos a uma clara conclusão.

Se apenas tivesse sido possível ouvir uma vez cada segmento, teríamos cometido muitos erros, erros estes que foram evitados em virtude da possibilidade de ouvir um mesmo trecho do texto tantas vezes quantas desejámos. Este facto leva-nos a ter uma ideia das dificuldades com que lutam os investigadores que empregam a chamada notação impressionista. Sabemos que o seu método é considerado como o único praticável nas pesquisas que abrangem vastas extensões (V. Sever Pop, *La Diacritologia...*, p. 1167). A sua imperfeição provém, necessariamente, do facto de excluir o processo da repetição. Dizemos isto abstrahindo da impossibilidade de um locutor pronunciar uma palavra duas vezes da mesma maneira. Só é possível conseguir-se a repetição da mesma variante de uma dada palavra utilizando os modernos processos de registo sonoro.

A experimentação mostrou-nos que sem o auxílio da repetição não se consegue promover o rendimento máximo do ouvido e, consequentemente, não é possível obter-se uma transcrição paraverbalizada.

RÉSUMÉ

Après avoir passé en revue (pp. 119-120) les principaux systèmes de transcription phonétique du portugais qui ont été employés auparavant, nous présentons un nouveau système destiné à la transcription du portugais normal mais qui servira aussi, après les modifications nécessaires, à la transcription des parlers locaux portugais.

Notre système se base sur l'alphabet de l'Association Phonétique Internationale. Quelques symboles de cet alphabet ont pourtant été remplacés par d'autres qui ont paru plus appropriés. En outre, certains symboles nouveaux ont été employés dans des cas où le système international ne suffisait pas.

Pour mettre notre système à l'épreuve, nous avons transcrit phonétiquement un texte qui contient tous les phonèmes du portugais normal et un grand nombre de combinaisons phoniques intéressantes (pp. 127-129).

Le texte que nous voulions étudier a été enregistré sur un magnétophone d'après la lecture d'un locuteur G. C. Nous rendons compte des caractéristiques de ce locuteur (p. 126).

A force de répéter un grand nombre de fois de petits segments phoniques, nous avons pu tirer le profit maximum de l'audition lors de la transcription phonétique. Par là, beaucoup d'erreurs ont pu être évitées.

Nous constatons que c'est seulement en évaluant dans chaque appréciation un segment phonique très limité qu'on peut obtenir des résultats satisfaisants. Dans la plupart des cas, il n'est pas possible de déterminer la valeur phonétique d'un mot ou d'une phrase par une évaluation globale (pp. 126).

Une répétition de dix fois ou plus est souvent nécessaire avant qu'il soit possible d'arriver à l'impression nette d'un son (p. 134).

La répétition peut nous libérer d'impressions qui ne sont pas fondées sur les réalités phoniques mais qui nous sont suggérées par des idées préconçues (p. 134).

Dans des commentaires joints à la transcription du texte (pp. 130-137), nous indiquons certains faits qui ont paru dignes d'attention. Parmi ceux-ci, il en est qui sont en contradiction avec les opinions courantes ou qui ne sont pas mentionnés par les phonéticiens qui ont traité de la prononciation du portugais.

O J da palavra soedereno (20) motivou opiniões diversas nos ouvintes, L e H, julgando o primeiro ter ouvido uma fricativa no passo que o segundo teve a impressão de uma oclusiva. Como se sabe, a consoante *d* pode ser do tipo fricativo ou do tipo oclusivo, sucedendo que o grau de fricção é tão variável que podemos admitir uma consoante do tipo intermédio entre o fricativo e o oclusivo. É muito possível que o *d* da palavra «ordenou» tenha sido deste tipo intermédio.

- 6) *lákáin* (2), *mijimáig* (2), *kápig* (5)

Não verificamos desvoçamento da consoante nasal quando esta antecede as explosivas átonas¹.

- 7) *seu* (3)

É interessante observar-se que um ouvinte estrangeiro (H) notou na palavra «seu» um *n* tão próximo de *l* que se deduz que os dois fonemas, *n* e *l*, lhe fizeram sentir uma semelhança muito maior do que a geralmente experimentada por muitos ouvintes nacionais. O que sucede com o maior frequência é ouvir-se um *n* em vez de *l*, mas no caso apontado deu-se o inverso.

- 8) *ʔ* (5), *ʔ* (8), *ʔ* (11), *dʰ* (13), *ʔ* (20), *ʔ* (30), *ʔ* (30), *ʔ* (30)

Principámos por transcrever a primeira palavra do trecho «ao sol» (8) da forma seguinte: *au*. Voltando a submeter o trecho a várias audições tivemos a impressão de que a transcrição era infiel. Não se tratava de um diONGO mas sim do monotongo *ʔ*.

Por outro lado, vimos que o símbolo *ʔ* não traduz, perfeitamente, o que se ouve. Notámos no início da vogal algo diverso do que o símbolo traduz mas não nos foi possível precisá-lo em virtude da sua grande brevidade.

A audição do trecho «ao campo» (5) manifestou-nos que o som *ʔ* era antecedido de uma diversidade vocálica tal como a notação *ʔʷ* indica.

- 9) *tānbái* (7), *tānbái* (10)

Notemos que a forma de pronunciar a palavra «também» como o locutor a pronunciou deve ser pouco frequente. (Compare-se com a pronúncia mais geral *tānbái*.)

¹ Gonçalves Vianna e de uma maneira geral os fonetistas que lhe sucederam apontam, nos referidos casos, desvoçamento da consoante nasal. Conf. aut. cit., *Portugals*, p. 20.

- 10) *dirig* (8)

Houve divergência de opinião quanto ao fonema final. L ouviu uma variante de *j* no passo que H teve a impressão de uma variante fricativa vozeada de *ʒ*. É provável que tenha sido um som intermédio. Durante a incerteza e para evitar a introdução de um novo sinal posicional devemos o som ouvido pelo símbolo *ʒ*. Preferimos este símbolo por se conformar com a pronúncia normal.

- 11) *jéllig* (9), *partin* (13), *kiflig* (13)

Nem sempre foi possível distinguirmos o vozeamento ou desvozeamento, total ou parcial, do fonema *r*, em algumas combinações fónicas, apesar de um grande número de tentativas. Todavia, observámos que o fonema *r* seguido de consoante átona era, por vezes, vozeado o que se não conduna com a opinião corrente dos fonetistas¹. Observámos, também, alguns casos em que o *r* final era átono.

- 12) *tréig* (10)

A última sílaba foi nitidamente átona.

- 13) *tápa* ~ *εpapáseritā* (18)

É possível que uma análise instrumental do som *z* tal como foi pronunciado mostre a existência de uma zona média de tensão decrescente-crescente, mas auditivamente não se consegue determiná-la.

- 14) *šijufó* (18)

A audição da primeira sílaba suscitou muitas dúvidas. A transcrição apresentada foi a que nos pareceu traduzir melhor o que ouvimos.

- 15) *katá* ~ *daš* (18), *atāhrj* (19), *šijivérjij* (20)

É provável que uma análise instrumental das vogais *a*, *u*, *ɛ* das palavras referidas demonstre a existência de uma zona média de tensão decrescente-crescente. Na maioria das audições tivemos a impressão de uma vogal simples. Todavia julgamos por vezes tratar-se de uma vogal aligeada.

¹ Conf. Gonçalves Vianna, *Portugals*, p. 20; de Sá e Silva, *Portugals*, pp. 114-115.

1-NORMAS PARA TRANSCRIÇÃO DATILOGRÁFICA

Normas de transcrição datilográfica aprovadas em Reuniões Nacionais do Projeto (IV Reunião, 1971, Rio; VII Reunião, 1974, São Paulo)

- 1- Lauda de 20 linhas
- 2- Margem de 4cm à esquerda e 1cm à direita
- 3- Espaço 3
- 4- Evitar separar as palavras no final de linha e arrematá-las com barras
- 5- Trechos ininteligíveis assinalar com a palavra ININT.
- 6- Os inaudíveis com a palavra INAUD.
- 7- Marcar momentos em que houver superposição de vozes
- 8- Hesitação marcadas com reticências
- 9- No D-2 os dois informantes serão identificados pelo nº respectivo
- 10- As interferências do documentador figurarão entre colchetes
- 11- Admite-se grafias tais como: pra, pro, prum, né, num, etc.
- 12- Virão entre parênteses os seguimentos omitidos em palavras tais como (v)ocê, (es)ta(r)

2-PROBLEMAS

- 1- Marcar os trechos inaudíveis, ininteligíveis e superpostos
- 2- Assinalar as pausas: reticência, intervalo
- 3- Hesitação a) com alongamento ooo, oao
b) com supressão o hom..., a mu..., o menino
- 4- Interrupção para retificação
- 5- Como grafar as alterações de certas formas:
tá (tá bom), (tá certo) e ((es)ta(r)), né, pru, prum, num (v)ocê, cê
- 6- Interferências externas como: riso, tosse, etc.

SUGESTÕES PARA A TRANSCRIÇÃO

PONTOS A DISCUTIR

1. Anotar entre colchetes as interferências internas e externas, que tenham repercussão no prosseguimento da entrevista e na estruturação da sentença.
2. Colocar numa chave as superposições e registrar as falas dos locutores obedecendo à seqüência dos turnos
Ex:

}	A.....	
	B.....	/superp. /
	A.....	
3. A participação do pesquisador deve ser assinalada pela letra D
4. Os colchetes devem ser reservados para observações de caráter extralingüístico
5. Decisão quanto à transcrição dos aspectos morfo-fonêmicos
Ex: tâ, nê, quê, pra, pru, etc.
6. Distinguir os tipos de pausa :
 - a) hesitação (alongamento) - marcar a palavra com maiúscula
 - b) tomada de turno
 - c) características do falante
7. Interrupção - marcar o tempo e indicar a causa
8. // pausa final de unidade proposicional
ponto de interrogação
9. Fala simultânea

[A.....]
[B.....]
10. Marcar a pontuação de acordo com as normas conversacionais, utilizando símbolos próprios.

LABORATÓRIO DE FONÉTICA EXPERIMENTAL DA FACULDADE DE LETRAS
DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FUNDAÇÃO DO «INSTITUTO DE ALTA CULTURA»

TRANSCRIÇÃO FONÉTICA DO PORTUGUÊS NORMAL

POR

ARMANDO DE LACERDA
DIRECTOR DO LABORATÓRIO DE FONÉTICA
EXPERIMENTAL DA FACULDADE DE LETRAS
DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

GÖRAN HAMMARSTRÖM
PROFESSOR EXTRAORDINÁRIO DA UNIVERSI-
DADE DE UPPSALA

COIMBRA • 1953

TRANSCRIÇÃO FONÉTICA DO PORTUGUÊS NORMAL

Vários sistemas de transcrição fonética do Português e dos falares portugueses têm sido propostos até agora sem que nenhum deles tivesse logrado um domínio absoluto sobre qualquer outro.

Em três trabalhos fundamentais, A. R. Gonçalves Vianna¹ lançou as bases para discussões posteriores sobre a caracterização dos fonemas portugueses e a sua transcrição fonética.

J. Leite de Vasconcellos na sua *Esquisse d'une dialectologie portugaise*² apresentou um sistema para o Português normal que abrange, também, a transcrição dos falares portugueses.

No trabalho intitulado *Fonética Portuguesa*³, Oliveira Guimarães soube aproveitar os ensinamentos de Gonçalves Vianna, mas nem sempre seguiu o Mestre no concernente ao sistema de transcrição. Deve lembrar-se que Gonçalves Vianna apresentou sistemas parcialmente diversos nas três obras mencionadas.

Rodrigo de Sá Nogueira propôs um sistema que se nos afigura sobrecarregado de sinais diacríticos⁴. A aplicação do seu sistema às vogais exige, na maior parte dos casos, sobrepor dois ou três sinais diacríticos, por vezes mesmo quatro.

Para evidenciar as possibilidades do seu sistema, a *Association Phonétique Internationale* aplicou-o na transcrição de pequenos textos em várias línguas, entre elas, o Português⁵.

¹ *Essai de phonétique et de phonologie de la langue portugaise d'après le dialecte actuel de Lisbonne*, Romania, t. XII, 1883, pp. 29-98; 2.^a ed., Boletim de Filologia, t. VII, fasc. 2, 1941, pp. 161-243; *Exposição da Pronúncia Normal Portuguesa para uso de Nacionais e Estrangeiros*, Lisboa, 1892; *Portugals*, Leipzig, 1903.

² Paris, Lisboa, 1901.

³ Coimbra, Pernambuco, 1927.

⁴ *Elementos para um tratado de Fonética Portuguesa*, Lisboa, 1938.

⁵ *The principles of the International Phonetic Association*, London, 1912, 1949.

PROJETO NURC/SP

NORMA LINGÜÍSTICA URBANA CULTA

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO/FFLCH
Disciplina de Filologia e Língua Portuguesa
Caixa Postal 8105 - 01000 São Paulo SP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
Instituto de Estudos de Linguagem - IEL
Caixa Postal. 6045 - 13100 Campinas SP

NORMAS DE TRANSCRIÇÃO

<u>OCORRÊNCIAS</u>	<u>SINAIS</u>	<u>EXEMPLIFICAÇÃO</u>
1. Incompreensão de palavras ou segmentos	()	do nível de renda... () nível de renda nominal...
2. Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	(estou) meio preocupado (com o gravador)
3. Truncamento (havendo homografia, usa-se acento indicativo da tônica e/ou timbre	/	e comê/ e reinicia
4. Entoação enfática	maiúsculas	porque as pessoas reTÊM moeda
5. Prolongamento de vogal e consoantes (como s,r)	:: podendo aumentar para ::: ou mais	ao emprestarem os... êh::: ... o dinheiro
6. Silabação	-	por motivo tran-sa-ção
7. Interrogação	?	e o Banco...Central... certo?
8. Qualquer pausa	...	são três motivos...ou três razões...que fazem com que se retenha moeda... existe uma...retenção
9. Comentários descritivos do transcritor	((miúsculas))	((tossiu))
10. Comentários que quebram a seqüência temática da exposição ; desvio temático	-- --	... a demanda de moeda -- vamos dar essa notação -- demanda de moeda por motivo
11. Superposição, simultaneidade de vozes	[ligando as linhas	A. na [casa da sua irmã B. [sexta-feira? A. Fizeram [lá B [cozinham lá?
12. Indicação de que a fala foi tomada em determinado ponto, não no seu início ou que continua além da gravação.	(...)	(...) nós vimos que existem
13. Citações literais ou leituras de texto	" "	Pedro Lima escreve na ocasião: "...o cinema falado..."

(Exemplificação: EF 388 NURC/SP e D² 331 NURC/SP)

PROJETO NURC/SP

NORMA LINGÜÍSTICA URBANA CULTA

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO/FFLCH
Disciplina de Filologia e Língua Portuguesa
Caixa Postal, 8105 — 01000 São Paulo SP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
Instituto de Estudos de Linguagem — IEL
Caixa Postal, 6045 — 13100 Campinas SP

NORMAS DE TRANSCRIÇÃO (cont.)

OBSERVAÇÕES:

1. Iniciais maiúsculas: sô para nomes próprios ou para siglas (USP etc)
2. Fáticos: ah, êh, eh, ahn, ehn, uhn, tã (não por estã: tã? você estã brava?)
3. Nomes de obras ou nomes comuns estrangeiros: grifar.
4. Número: devem estar por extenso.
5. Não se indicará o ponto de exclamação* (frase exclamativa).
6. Não deve ser anotado o cadenciamento da frase.
7. Podem-se combinar sinais. Por exemplo: oh::::... (alongamento e pausa)
8. Não serão utilizados sinais de pausa, típicos da língua escrita, como ponto-e-vírgula, ponto final, dois pontos, vírgula. As reticências marcarão qualquer tipo de pausa.

ROSSANA

SEMÂNTICOS
PRAGMÁTICOS
INTERNACIONAIS

! sílaba única do grupo
! grupo de sílabas
! pausa de (um) seg.
! de dois seg.

! frase ab
! tem significado
! tom alta

! tom baixa

! desce/desce na mesma
! tom

! ascendente

! dividido
! 0,5; volume
! silábica

TEXTO

PARTICIPANTE

VOLTAS

vocês podem falar à vontade / conversar entre si / quanto menos a gente

interferir melhor /

sobre fo quê //

sobre comunicação / transportes / viagens / a: assuntos em geral -

tá mesmo pra gente / né // Especialista em assuntos gerais /

assuntos gerais

eu tô todo desligado / pôsso falar sobre enxaqueca /

pode

RISO ININTELIGÍVEL

Ed / o que é que a gente deve falar / sobre negócio de comunicação / é // bô:m:

é: o tal negócio / nós estamos nessa / nesse século de comunicação / é: pra

mim pelo menos / me parece que comunicação / é faca de dois gumes / como

conseqüência / de uma comunicação muito / intensa / os Estados Unidos

tiveram algum tempo atrás / eh:; uma uma - CRISE - de cultura / **PRÓ**pria / e foram

obrigados / a a a importar / homens cultos / porquê: / se eles não tinham

analfábetos / pelo menos / também / não tinham grandes culturas / / eu não gosto

de comunicação / não / que eu acho que a comunicação / certa é aquela que se

faz de um pra outro / dois a dois / e de um pra outro / e: / nem dois a dois /

TOSSE a comunicação / de má:ssa / só pode ser feita / em termos de de / de

divulgação de de incultura / de falsa cultura / de subcultura / porque se uma

emissora / ah: / for: transmitir / eh: Hamlet / em texto integral / e a outra / for

1

5

10

15

20

... mais tarde

- pausa / *qualquer coisa*

[vai ligar Chacrinha/ né//]

é o povo todinho vai ligar pra Chacrinha/né/que

é bem o sinal dos tempos/do gênio da raça//

Ed/agora que você tem muito tempo de comunicação --

é a mim me parece/viu/que você tem razão até certo ponto//
eu sou partidário/ácho/que comunicação a dois/é sempre a comunicação mais importante/especialmente/quando/bom//

bom/você não fala/a gente fala pouco/que sua mulher tá aí junto// vou lá chamá-la-

B-RISO

vú//agora/quanto à comunicação/eu acho válida// ácho válida/agora uma comunicação fiscalizada, essa comunicação de massa/tem que ser uma comunicação muito fiscalizada/e não como tem sido feito//o problema de transmitir Hamlet na

[não/eu sou contra]

na íntegra/ou/ Chacrinha/Chacrinha tem o público dele/e o que me parece

importante é conduzir o público/em termos de uma comunicação séria pra fazer com que o público aceite Hamlet/ou: cultura/evidentemente/satisfatória/e nunca Chacrinha// se há Chacrinha/ e há público pra Chacrinha, é porque não tá havendo preparação/não tá havendo condução: do público pra aceitar uma comunicação séria// então é preciso que essa comunicação séria comece e

há realmente pouco o que falar do público. é a

essa comunicação

comece logo/em termos de cultura de povo/

' B porque do contrário nós vamos de mal a pior/=

' A [não não]

' B eu por exemplo não vejo televisão e não permito quase que minhas filhas

' vejam/

' A não/ [o problema]

' B [porque

' A o problema não chega tanto assim//olhe quando eu

' falei que não não gostava de comunicação/é que eu tava pensando numa

' faixa muito Alta/porque: obviamente numa faixa MÉDIA/a a a comunicação

' pode trazer alguns valores/como você vê/por exemplo/atualmente nessa

' recente campanha política em que houve uma conscientização do povo pra

' certos problemas/o povo não MAIS votou é: como protesto e não MAIS votou

' em branco nem votou nulo/quer dizer o povo CREU na democracia/acreditou

' na democracia/manifestou o seu pensamento/não sei se certo ou se errado/

' isso somente o futuro é que dirá//acontece é que/realmente pra ISSO a

' comunicação foi válida/

' B [bom]-

' A até certo ponto como como de politização da massa/é possível que a

' comunicação seja boa//é como eu lhe digo/porque isso aí fica na FAIXA da

' cultura MÉDIA/e eu tava pensando em termos de cultura ALTA// da mesma

' maneira como a a a a a comunicação trará para o país uma grande faixa de

' cultura MÉDIA/ em contrapartida/tornará se tornará cada vez mais rara a

' grande cultura/a alta cultura//

50

55

60

65

↑ aus
↑ baixo
↑ O-accentuado
↑ desc.

RISO-
RISO

estímulo - reapêchido

vai ligar
Chacrinha/ né//

B

25

o povo todinho vai ligar pra Chacrinha/né/que é bem o sinal dos tempos/do gênio da raça//

A

B

Ed/agora que você tem muito tempo de comunicação -

A

é/a mim me parece/viu/que você tem razão/até certo ponto// eu sou partidário/acho que comunicação a dois/é sempre a comunicação mais importante/especialmente/quã:do/bòm//

B

30

bòm/você não fala/a gente fala pouco/que sua mulher tá aí junto// vou lá chamáve-la/

A

B

vã/agora/quanto à comunicação/eu acho válida// acho válida/ agora/uma comunicação fiscalizada/essa comunicação de massa/tem que ser uma comunicação muito fiscalizada/e não como tem sido feito//o problema de transmitir Hamlet na/

35

[não/eu sou contra]

A

na íntegra/ou Chacrinha/Chacrinha tem o público dele/e o que me parece

B

importante/é conduzir o público/em termos de uma comunicação séria/prá fazer com que o público aceite Hamlet/ou/// cultura/evidentemente/satisfatória/e nunca Chacrinha//se há Chacrinha/ e há público pra Chacrinha/é porque/não tá havendo preparação/não tá havendo condução// do público pra aceitar uma comunicação séria// então/é preciso que essa comunicação séria comece/e comece logo/em termos de cultura de povo/

40

45

[não]

' B ' porque do contrário nós vamos de mal a pior/=

' A ' [não não]

' B ' eu por exemplo não vejo televisão e não permito quase que minhas filhas

' ' vejam/

' A ' não/ [o problema]

' B ' porque

' A ' o problema não chega tanto assim//olhe quando eu

' ' falei que não não gostava de comunicação/é que eu tava pensando numa

' 55 ' faixa muito ALTA/porque: obviamente numa faixa Média/a a a comunicação

' ' pode trazer alguns valores/como você vê/por exemplo/atualmente nessa

' ' recente campanha política em que houve uma cons-cientização do povo pra

' ' certos problemas/o povo não MAIS votou é: como protesto e não MAIS votou

' ' em branco nem votou nulo/quer dizer o povo CREU na democracia/acreditou

' 60 ' na democracia/manifestou o seu pensamento/não sei se certo ou se errado/

' ' isso somente o futuro é que dirá//acontece é que/realmente pra ISSO a

' ' comunicação foi válida/

' B ' [bom]-

' A ' até certo ponto como como de politização da massa/é possível que a

' 65 ' comunicação seja boa//é como eu lhe digo/porque isso aí fica na FAIXA da

' ' cultura MÉDIA/e eu tava pensando em termos de cultura ALTA// da mesma

' ' maneira como a a a a a comunicação trará para o país uma grande faixa de

' ' cultura MÉDIA/ em contrapartida/tornará se tornará cada vez mais rara a

' ' grande cultura/a alta cultura//

VOLTAS	LINHA	PARTICIPANTE	TEXTO	SEMÂNTICOS RAGMÁTICOS INTERNACIONAIS
'	'	'	'	'
'	'	' A	' é mais fácil olhá p'aquela máquina de fazê doído/do que ficá em casa lendo/	'
'	'	'	' livros/de alto nível/-	'
'	'	' B	' é/mas a a aí/ Ec/ você tem o seguinte problema/não só o problema de quem	'
'	'	'	' faz a comunicação/mas o problema sobretudo de quem recebe e de quem é	'
'	' 75	'	' responsável por quem recebe a comunicação// porque/por exemplo/você deve/	'
'	'	'	' é/de uma certa maneira também fiscalizar aquilo que entra na sua casa//a	'
'	'	'	' televisão entra na sua casa quase sem a sua permissão sem lhe pedir	'
'	'	'	' licença-	'
'	'	' A	' não/isso você não fiscaliza mais/	'
'	' 80	' B	' ah / mas deve fiscalizar/	'
'	'	' A	' não fiscaliza não/	'
'	'	'	'	'

SEMÂNTICOS
PRAGMÁTICOS
INTERNAACIONAIS

Mika

TEXTO

PARTICIPANTE

LINHA

VOLTAS

1	D	vocês podem falar à vontade / conversar entre si / quanto menos a gente interfere melhor /
	A	sobre o quê //
	D	sobre comunicação / transportes / viagens / a: assuntos em geral -
5	A	tã mesmo pra gente / né / Especialista em assuntos gerais /
	B	assuntos gerais
	A	eu tou todo desligado / posso falar sobre enxaqueca /
	D	pode
		RISO ININTELIGÍVEL
10	A	Ed / o que é que a gente deve falar / sobre negócio de comunicação é bom é o tal negócio / nós estamos nessa / nesse século de comunicação é:: pra mim pelo menos me parece que comunicação / é faca de dois gumes // como consequência / de uma comunicação muito-intensa / os Estados Unidos tiveram algum tempo atrás / e :: uma uma CRÍSE de cultura PRÓpria // e foram obrigados / a a a importar homens cultos / porque :: se eles não tinham alfabetos / pelo menos / também / não tinham grandes culturas // eu não gosto de comunicação não / que eu acho que a comunicação certa é aquela que se faz de um pra outro / dois a dois / e de um pra outro / e nem dois a dois /
		IOSSE a comunicação de má:ssa / só pode ser feita em termos de de: de divulgação de de incultura / de falsa cultura / de subcultura / porque se uma emissora / ah for / transmitir / eh: Hamlet / em texto integral / e a outra / for

Velocidade / volume /
" tom (de um grupo intencional)

mais fácil /

25 B o povo todinho vai ligar
[vai ligar
Chacrinha/né//]
A é/o povo todinho vai ligar pra Chacrinha/né/que

B é bem o sinal dos tempos/do gênio da raça//
B é

A Ed/agora que você tem muito tempo de comunicação -
B é/a mim me parece/viu/que você tem razão/até certo ponto/

30 B eu sou partidário/acho que comunicação a dois/é sempre a comunicação mais
importante/especialmente/quant:do/hôm/
A bom/você não fala/a gente fala pouco/que sua mulher tá aí junto// vou lá

B chamou ela/
você/agora quanto à comunicação/eu acho válida// acho válida/ agora uma

35 B comunicação fiscalizada essa comunicação de massa tem que ser uma
comunicação muito fiscalizada/e não como tem sido feito//o problema de

transmitir Hamlet na
A [não/eu sou contra]

B na íntegra OU/ Chacrinha/Chacrinha tem o público dele/e o que me parece
importante é conduzir o público/em termos de uma comunicação séria pra fazer

40 B com que o público aceite Hamlet/ou: cultura/evidentemente/satisfatória/e
nunca Chacrinha// se há Chacrinha/ e há público pra Chacrinha é porque não

B tá havendo preparação/não tá havendo condução: do público pra aceitar uma
comunicação séria// então é preciso que essa comunicação séria comece e
comece logo/em termos de cultura de povo/

45

* mais a/b.
"Quando tem mais baixo
mais rapido"

RISO

F 222 9

B porque do contrário nós vamos de mal a pior/=

[não não]

A eu por exemplo não vejo televisão e não permito quase que minhas filhas vejam/

50

A não/[o problema] porque

B o problema não chega tanto assim//olhe quando eu

A falei que não não gostava de comunicação//é que eu tava pensando numa

B faixa muito ALTA/porque; obviamente numa faixa MÉDIA/a a a comunicação

55

A pode trazer alguns valores/como você vê//por exemplo/atualmente nessa

B recente campanha política em que houve uma cons-cientização do povo pra

A certos problemas/o povo não MAIS votou é: como protesto e não MAIS votou

B em branco nem votou nulo/quer dizer o povo GREU na democracia/acreditou

A na democracia/manifestou o seu pensamento//não sei se certo ou se errado/

60

B isso somente o futuro é que dirá//acontece é que/realmente pra ISSO a

A comunicação foi válida/

[bom]-

B até certo ponto como como de politização da massa//é possível que a

A comunicação seja boa//é como eu lhe digo/porque isso aí fica na FAIXA da

65

B cultura MÉDIA/e eu tava pensando em termos de cultura ALTA// da mesma

A maneira como a a a a a comunicação trará para o país uma grande faixa de

B cultura MÉDIA/ em contrapartida/tornará se tornará cada vez mais rara a

A grande cultura/a alta cultura//

— *nota* —

VOLTAS	LINHA	PARTICIPANTE	TEXTO
1		D	vocês podem falar à vontade / conversar entre si / quanto menos a gente interferir melhor /
		A	sobre o quê //
		D	sobre comunicação / transportes / viagens / a: assuntos em geral -
	5	A	tã mesmo pra gente / nê / Especialista em assuntos gerais /
		B	assuntos gerais
		A	eu tou todo desligado / posso falar sobre enxaqueca /
		D	pode
			RISO ININTELLIGÍVEL
	10	A	Ed/ o que é que a gente deve falar / sobre negócio de comunicação / é // bom é o tal negócio / nós estamos nessa / nesse século de comunicação é:: pra mim pelo menos / me parece que comunicação / é faca de dois gumes // como consequência / de uma comunicação muito INTENSA / os Estados Unidos tiveram algum tempo atrás / e w: : uma crise de cultura / PRÓpria // e foram obrigados / a a a importar homens cultos / porque :: / se eles não tinham alfabetos / pelo menos / também / não tinham grandes culturas // eu não gosto de comunicação não / que eu acho que a comunicação certa é aquela que se faz de um pra outro / dois a dois / e de um pra outro / e: nem dois a dois /
	15		TOSSSE a comunicação de má:ssa / só pode ser feita em termos de de: de divulgação de de incultura / de falsa cultura / de subcultura / porque se uma emissora / ah for transmitir/eh: Hamlet em texto integral/ e a outra/for
	20		

SEMÂNTICOS
PRAGMÁTICOS
INTERNAZIONAIS

↑ porque ele quer se fazer

↑ porque ele quer se fazer

↑ porque ele quer se fazer

↑ porque ele quer se fazer

↑ porque ele quer se fazer

↑ porque ele quer se fazer

↑ porque ele quer se fazer

↑ porque ele quer se fazer

↑ porque ele quer se fazer

↑ porque ele quer se fazer

↑ porque ele quer se fazer

↑ porque ele quer se fazer

↑ porque ele quer se fazer

↑ porque ele quer se fazer

B
A

[vai ligar
Chacrinha/nê//]

é bem o sinal dos tempos/do gênio da raça//
é/o povo todinho vai ligar pra Chacrinha/nê/que

B

é

A

Ed/agora que você tem muito tempo de comunicação -

B

30

é/a mim me parece/viu/que você tem razão até certo ponto//
eu sou partidário/acho que comunicação a dois é sempre a comunicação mais importante/especialmente/quando/bom//

A

bom/você não fala/a gente fala pouco/que sua mulher tá aí junto// vou lá chamá-la-

RISO

B

35

viu/agora/quanto à comunicação/eu acho válida// acho válida/ agora uma comunicação fiscalizada/essa comunicação de massa/tem que ser uma comunicação muito fiscalizada/e não como tem sido feito//o problema de transmitir Hamlet/na

A

[não/eu sou contra]

/na/integra/ou/Chacrinha/Chacrinha tem o público dele/e o que me parece

40

importante/é conduzir o público/em termos de uma comunicação séria/pra fazer com que o público aceite Hamlet/ou:: cultura/evidentemente/satisfatória/e nunca Chacrinha// se há Chacrinha/e há público pra Chacrinha/é porque/não tá havendo preparação/não tá havendo condução- do público pra aceitar uma comunicação séria// então é preciso que essa comunicação séria comece/c

seria - verba

45

comece logo/em termos de cultura do povo/ - -

[não]

B porque do contrário nós vamos de mal a pior/=

[não não]

B eu por exemplo não vejo televisão e não permito quase que minhas filhas

ver - ver

50

A vejam / não / o problema /

B porque /

A

o problema não chega não chega tanto assim / olhe quando eu falei que não não gostava de comunicação é que eu tava pensando numa

55

faixa muito Alta porque; obviamente numa faixa Média a a comunicação pode trazer alguns valores como você vê por exemplo atualmente nessa

recente campanha política em que houve uma conscientização do povo pra certos problemas o povo não MAIS votou em: como protesto e não MAIS votou

em branco nem votou nulo quer dizer o povo CREU na democracia / acreditou na democracia / manifestou o seu pensamento / não sei se certo ou se errado

isso somente o futuro é que dirá / acontece é que / realmente pra Isso / a comunicação foi válida /

60

B até certo ponto como de politização da massa é possível que a comunicação seja boa / é como eu lhe digo / porque isso aí fica na FAIXA da

cultura MÉDIA / e eu tava pensando em termos de cultura ALTA / da mesma maneira como a a a a comunicação trará para o país uma grande faixa de

cultura MÉDIA / em contrapartida / tornará / se tornará cada vez mais rara a grande cultura / a alta cultura /

A

65

até certo ponto como de politização da massa é possível que a comunicação seja boa / é como eu lhe digo / porque isso aí fica na FAIXA da

cultura MÉDIA / e eu tava pensando em termos de cultura ALTA / da mesma maneira como a a a a comunicação trará para o país uma grande faixa de

cultura MÉDIA / em contrapartida / tornará / se tornará cada vez mais rara a grande cultura / a alta cultura /

até certo ponto como de politização da massa é possível que a comunicação seja boa / é como eu lhe digo / porque isso aí fica na FAIXA da

VOLTAS LINHA PARTICIPANTE

TEXTO

SEMÂNTICOS
RAGMÁTICOS
INTERNACIONAIS

	A	é mais fácil olhá p'aquela máquina de fazê doido do que ficá em casa lendo/
	A	livros de alto nível/-
	B	é/mas a a aí/ Ec/ você tem o seguinte problema/não só o problema de quem
	B	faz a comunicação/mas o problema sobretudo de quem recebe e de quem é
75		responsável por quem recebe a comunicação// porque/por exemplo/você deve/
		é/de uma certa maneira também fiscalizar aquilo que entra na sua casa//a
		televisão entra na sua casa quase sem a sua permissão/sem lhe pedir
		licença-
	A	não/isso você não fiscaliza mais/
80	B	ah / mas deve fiscalizar/
52	A	não fiscaliza não/

VOLTAS 1
LINHA PARTICIPANTE

TEXTO

vocês podem falar à vontade / conversar entre si / quanto menos a gente

interferir melhor /

sobre o quê //

sobre comunicação / transportes / viagens / a : assuntos em geral -

tã mesmo pra gente / né / Especialista em assuntos gerais /

assuntos gerais

eu tou todo desligado / posso falar sobre enxaqueca /

pode

RISO ININTELLIGÍVEL

RISO

Id / o que é que a gente deve falar / sobre negócio de comunicação / é / bom / -

é o tal negócio / nós estamos nessa / nesse século de comunicação / é :: pra

mim pelo menos / me parece que comunicação / é / faca de / dois gumes / como

conseqüência / de uma comunicação - muito - INTENSÁ / os Estados Unidos

tiveram algum tempo atrás / e :: uma uma - CRISE - de cultura PRÓPRIA // e foram

obrigados / a a a importar - homens cultos / porque :: / se eles não tinham -

analfabetos / pelo menos / também / não tinham grandes culturas / eu não gosto

de comunicação não / que eu acho que a comunicação certa é aquela que se

faz de / um pra outro / - dois a dois / - e de um pra outro / e : / nem dois a dois /

TOSSE a comunicação / de má:ssá / só pode ser feita / em termos de def / de

divulgação de de incultura / de falsa cultura / de subcultura / porque se uma

emissora / ah : / for transmitir / eh : / Hamlet em texto integral / e a outra / for

SEMÂNTICOS
PRAGMÁTICOS
INTERACIONAIS

divide grupos de...
pausa (1 seg)
pausa (2 seg) etc

↑ precede a sílaba
vem Tom eyla alt

silaba baixa

silaba longa

tom alto

baixo

descender

ascendente

precede a sílaba

Tônica do grupo

de forma

velocidade, volume,
abairamentos do
tom do grupo de
forma

eh : /

eh : /

eh : /

eh : /

eh : /

eh : /

transmissão... de comunicação... de cultura... de subcultura... porque se uma emissora / ah : / for transmitir / eh : / Hamlet em texto integral / e a outra / for

PRAGMÁTICOS
INTERNACIONAIS

vai ligar
Chacrinha/né//

B
A 25 é o povo todinho vai ligar pra Chacrinha/né/que

é bem o sinal dos tempos/do gênio da raça//
é/

B
A Ed/agora que você tem muito tempo de comunicação -

B 30 é/a mim me parece/viu/que você tem razão/até certo ponto/X
eu sou partidário/acho/que comunicação a dois/é sempre a comunicação mais

A importante/especialmente/quando/bom - - -
bom/você não fala/a gente fala pouco/que sua mulher tá aí junto/X vou lá
chamãela-

RISO

B 35 ^{vai} agora/quanto a comunicação/eu acho válida/X acho válida/ agora/uma
comunicação fiscalizada/essa comunicação de massa/tem que ser uma
comunicação muito fiscalizada/e não como tem sido feito/Xo problema de

transmitir Hamlet na

Não/eu sou contra

A
B 40 na integra. ^{ou} Chacrinha/Chacrinha tem o público dele/que o que me parece
importante é conduzir o público/em termos de uma comunicação séria pra fazer

com que o público aceite Hamlet/ou:: cultura/evidentemente/satisfatória
nunca Chacrinha - se há Chacrinha/ e há público pra Chacrinha é porque não
tá havendo preparação/não tá havendo condução/ - do público pra aceitar uma

exba papéis

A 45 comece logo em termos de cultura de povo/

[FN 20]

Obs: São os papéis de [] com a

o último papel não contém
nada mais

papel extra papéis

[não não]

esta não pode

B eu por exemplo não vejo televisão e não permito quase que minhas filhas

vejam/

A não/ o problema]

B porque

A o problema não chega não chega tanto assim // olhe quando eu

falei que não não gostava de comunicação/é que eu tava pensando numa

faixa muito Alta/porque/ obviamente/ numa faixa Média/ a a comunicação

pode trazer/ alguns valores/ como você vê/ por exemplo/ atualmente/ nessa

recente campanha política/ em que houve uma conscientização/ do povo pra

certos problemas/ o povo não MÃIS/ votou em/ como protesto e não MÃIS/ votou

em branco nem votou nulo/ quer dizer o povo CREU na democracia/ acreditou

na democracia/ manifestou o seu pensamento/ não sei se certo ou se errado/

isso somente o futuro é que dirá// acontece é que/ realmente pra ISSO/ a

comunicação foi válida/

[bom]-

A até certo ponto como de politização da massa/ é possível que a

65 comunicação seja boa// é como eu lhe digo/ porque isso aí fica na FAIXA da

cultura MÉDIA/ e eu tava pensando em termos de cultura ALTA// da mesma

maneira como a a a a comunicação trará para o país/ uma grande faixa de

cultura MÉDIA/ em contrapartida/ tornará se tornará cada vez mais rara/ a

grande cultura/ a alta cultura//

VOLTAS LINHA PARTICIPANTE

TEXTO

SEMÂNTICOS
RAGMÁTICOS
INTERNACIONAIS

52	A	não fiscaliza não/
80	B	ah / mas deve fiscalizar/
	A	não/isso você não fiscaliza mais/
		licença-
		televisão entra na sua casa quase sem a sua permissão sem lhe pedir
		é/de uma certa maneira também fiscalizar aquilo que entra na sua casa//a
75		responsável por quem recebe a comunicação// porque/por exemplo/você deve/
	B	é/mas a a aí/ E/c/ você tem o seguinte problema/não só o problema de quem é
		faz a comunicação/mas o problema sobretudo de quem recebe/e de quem é
		livros/de alto nível/-
	A	é mais fácil olhá p'aquela máquina de fazê doido/do que ficá em casa lendo/

reeloc.

VOLTAS LINHA PARTICIPANTE

TEXTO

1

D

vocês podem falar à vontade / conversar entre si / quanto menos a gente interferir melhor / sobre o quê //

SEMÂNTICOS PRAGMÁTICOS INTERNACIONAIS

1. Questão de inteligibilidade em função da situação da língua / variação de grupo de língua

5

A

tã mesmo pra gente / né / Especialista em assuntos gerais / assuntos gerais

eu tou todo desligado / posso falar sobre enxaqueca / riso

D

pode

RISO (ININTELLIGÍVEL)

Plano de organização
: situação 49/1966
: cultura 19/1966
: Tipo de Tem.
/ alta
/ baixa
/ sobre a dicção
/ sobre a sêntese

10

A

Ed / o que é que a gente deve falar sobre negócio de comunicação / é bom - é; o tal negócio / nós estamos nessa / nesse século de comunicação - é :: pra mim pelo menos / me parece que comunicação / é faca de dois gumes // como consequência / de uma comunicação muito-intensa / os Estados Unidos tiveram algum tempo atrás / e :: uma uma crise / de cultura / própria / e foram obrigados / a a a importar homens cultos / porque :: se eles não tinham alfabetos / pelo menos / também / não tinham grandes culturas / / eu não gosto de comunicação não / que eu acho que a comunicação certa é aquela que se faz de um pra outro / dois a dois / e de um pra outro / e: / nem dois a dois /

uma manifestação p/...
entre a
- inventiva
- sêntese - sêntese

20

TOSSSE a comunicação de má:ssa / só pode ser feita / em termos de de de divulgação de de incultura / de falsa cultura / de subcultura / porque se uma emissora / ah / for transmitir / em Hamlet em texto integral / e a outra / for

emissora / ah / for transmitir / em Hamlet em texto integral / e a outra / for

B
A

o povo todinho [vai ligar
Chacrinha/ né//]
é o povo todinho vai ligar pra Chacrinha/né/que

B

é hem o sinal dos tempos/do gênio da raça//
é

A

Ed/agora que você tem muito tempo de comunicação -
é/a mim me parece/viu/que você tem razão até certo ponto//
eu sou partidário/acho que comunicação a dois é sempre a comunicação mais

B

importante/especialmente/quan:do/bom//
bom/você não fala/a gente fala pouco/que sua mulher tá aí junto// vou lá

A

chamã ela-
viu/agora/quanto à comunicação/eu acho válida// acho válida/ agora uma

B

comunicação fiscalizada/essa comunicação de massa/tem que ser uma
comunicação muito fiscalizada/e não como tem sido feito//o problema de

transmitir Hamlet na

[não/eu sou contra]

A

na íntegra/OU/ Chacrinha/Chacrinha tem o público dele/e o que me parece
importante/é conduzir o público/em termos de uma comunicação séria pra fazer

B

com que o público aceite Hamlet/ôu:: cultura/evidentemente/satisfatória/e
nunca Chacrinha// se há Chacrinha/ e há público pra Chacrinha/é porque não

tã havendo preparação/não tá havendo condução: do público pra aceitar uma
comunicação séria// então é preciso que essa comunicação séria comece e

comece logo/em termos de cultura de povo/

A

[não]

nota rápida. 1993
para discussão

B porque do contrário nós vamos de mal a pior/=

[não não]

B eu por exemplo não vejo televisão e não permito quase que minhas filhas

vejam/

A não/ [o problema]

B porque

A o problema não chega não chega tanto assim//olhe quando eu

falei que não não gostava de comunicação/é que eu tava pensando numa

55 faixa muito Alta/porque: obviamente numa faixa Média/a a comunicação

pode trazer alguns valores/como você vê/por exemplo/atualmente/nessa

recente campanha política em que houve uma conscientização do povo pra

certos problemas/o povo não MAIS votou em: como protesto e não MAIS votou

em branco nem votou/nulo/quer dizer o povo CRU na democracia/acreditou

60 na democracia/manifestou o seu pensamento/não sei se certo ou se errado/

isso somente o futuro é que dirá//acontece é que/realmente pra ISSO a

comunicação foi VÁLIDA/

B [bom]-

A até certo ponto como de politização da massa/é possível que a

65 comunicação seja boa//é como eu lhe digo/porque isso aí fica na FAIXA da

cultura MÉDIA/e eu tava pensando em termos de cultura ALTA// da mesma

maneira como a a a a comunicação trará para o país uma grande faixa de

cultura MÉDIA/ em contrapartida/tornará se tornará cada vez mais rara a

grande cultura/a alta cultura//

na comunicação

Transcrição usada pelas equipes do Projeto Aquisição Espontânea de Segunda Língua de Migrantes cf. PERDUE, Clive (ED) Second Language Acquisition by Adult Immigrants The European Science Foundation Project. Rowley, Massachusetts, Newbury House, 1984:315 p.

Apresentação geral da Transcrição

Página dupla, pautada . Página, esquerda: comentários sobre

Tipos vocal
Insitados
atitudes e
emoções do
falante;
Tragos obse
váveis
Transcrição
Fonética

Identificação do Texto:

Tipo de atividade (conversação...); pseudônimo de entrevistado; nome e

Iniciais do pesquisador; data da gravação; referência do cassete.

Iniciais do falante na margem esquerda para indicar quem fala.

Cada falante novo: mudança de linha.

Numeração do Texto cada 5 linhas. (Para gravações em VC-intervalos de

30").

Conjunto de falas simultâneas

[No começo de duas linhas consecutivas]

Fim de fala simultânea / ou

Interrupção de um falante por outro

p.235-236.

PROBLEMA DO TRANSCRITOR - avaliar intuitivamente quando cada informan-

te esta falando, em velocidade normal, com uma

variação (alçance) tonal normal e grande in-

tensidade normal.

ou interessante (reveladora)

A respeito da ascensão ou descida ser contrastante, inusitada
ta, logo, o uso de ↓ ou ↑ dependerá da avaliação do Transcritor
A exceção de perguntas, a entoação "normal" não será transcrita

ascendente; marcada ↓
e descendente; marcada ↑

NOME:

PROBLEMA. Sem treinamento especial, é extremamente difícil descrever e
e analisar a entoação. Por causa disso, os pesquisadores des-
se projeto limitam-se a uma DESCRIÇÃO APROXIMADA DAQUELE FE

Informação adicional relevante para a compreen-
são do Texto. Ex: Centro Comunitário da Varze

Usado para registrar *impressões* atitudes do falante
emoções
gestos
Indicadas por entoação
IRONIA, RAIVA
ENTUSIASMO,
VACILAÇÃO

Também usadas para indicar
fático.
RISO
MOEJO

is importantes a registrar (desvios): mais
baixo, mais alto, mais rápido, mais lento. (pro-
longa-se cada palavra, cada sílaba), mais en-

~~em-fala=brechets~~

Colchetes duplos-
angulos

Desvios do estilo de pronúncia normal são
registrados entre < >
Aspectos ma-

PERGUNTAS - Se o Transcritor julga uma seqüência inequivocamente como

sendo pergunta, pode inseri-la em:

? What did you do? ↓

Se o Transcritor julga ter identificado unidades de infor-
mação (ing - Sense units) pode inseri-las em:

ⓐ

ⓑ

PAUSAS VAZIAS: + unidade temporal subjetiva Schegloff;

ou em segundo ana+5"+aaa

PAUSAS PLENAS: <ah> [mm]

AUTO-INTERRUPÇÃO: /

SEGMENTO INAUDIVEL: ()

London, 1975

LONGMAN



DAVID CRYSTAL
DEREK DAVY

**Advanced
Conversational English**

The Conversational Extracts

Thus far we have been talking very generally about the extent to which language-teaching pays insufficient attention to norms of informal conversational English. We have suggested that the main reason for difficulty is the unavailability of teaching material based on data that accurately reflect these norms. Consequently our aim now is to present a range of extracts from which it will be possible to illustrate in detail the features of conversation that we consider to be important. These extracts are taken from a series of conversations on a variety of occasions and topics, using many different speakers from varied backgrounds. The salient points about this material which differentiate it from most of the recorded conversations that are commercially available are twofold: (a) it is spontaneously produced utterance, no scripts or other written cues being involved in its production; (b) it is representative of a range of colloquial usage which avoids the formal levels of discussion or debate, concentrating instead on the kind of language that is naturally used between people of similar social standing when talking about topics of common interest on informal, friendly occasions.

In order to obtain material which is as natural as possible, we have recorded the conversations in a normal domestic environment, not in a studio. We hope we have achieved a good recording quality while retaining those incidental noises without which any conversational interaction would begin to sound somewhat unnatural. In over half of the conversations the speakers were not aware that they had been recorded, permission to use the material being obtained from them afterwards. For the remainder of the material the speakers were aware of the presence of the microphone, but in every case the recording was made some time after the start of the conversation when behaviour had become thoroughly relaxed. On the basis of the analyses that we have done (see Chapter 3), we have been unable to find any

marked difference between the language of the two types of extract, and have accordingly treated them as homogeneous.¹

The tape accompanying this book contains fifteen extracts totalling some 40 minutes. In our discussion, we shall sometimes go beyond this basic data, and bring in examples of usage from elsewhere; but most of our attention will centre on the language these samples contain. It is therefore important to listen to these samples, more than once if necessary, while working through the analytical section of the book in Chapter 3. The details of the background to each extract are given before the transcription in the following pages. We have selected extracts which contain subject-matter likely to be of general interest to the foreign learner while at the same time being directly concerned with matters arising out of English culture and everyday life in Britain. We have also concentrated on the kind of British English likely to be familiar to most learners, and most of the participants use one of that range of accents, generally referred to under the heading of 'received pronunciation', which is the most widely known and used in parts of the world where language-teaching influence has been predominantly British.

Each extract is accompanied by a commentary, which deals with points of pronunciation, syntax, lexis and usage which might cause temporary difficulties of interpretation as one listens to the conversation. The commentary should be read in relation to the transcribed text before moving on to the analysis section of the book. But it is beneficial, we feel, to listen to the tape-recordings *before* making any detailed study of the transcription and the commentary—or even seeing the transcription at all—as it is only in this way one can arrive at an accurate impression of listening comprehension ability when put into contact with material of this kind. The procedure we expect to be most widely useful in the study of each extract is as follows:

Stage One: Read the introduction to an extract.

Stage Two: Listen to the corresponding taped extract, without looking at the printed text.

Stage Three: Listen to the tape again, simultaneously following the printed text.

Stage Four: Read through the text, along with the commentary.

Stage Five: Listen to the tape once more, again without looking at the text.

1. For readers who may be interested in comparing the two types from other points of view, it may be worth noting that Extracts 1, 4, 7, 8, 9, 11, 12, 13 and 15 involve speakers who were unaware of being recorded.

Different teaching-situations will of course invite alternative procedures.

Each extract is printed with a transcription which indicates the main prosodic features used by the speakers. We are using 'prosodic features' here in a general sense to include all vocal effects due to variations in pitch ('intonation'), loudness ('stress'), speed, rhythm and quality of speaking—this latter label subsuming all that is usually loosely gathered under the heading of 'tone of voice'. All the main variations of these kinds which correlate with contrasts in the meaning of a sentence (e.g. its attitudinal force, its stylistic effect, its grammatical analysis) are indicated in the transcription.

It is not necessary to learn the whole of the transcription system in advance of studying the texts. Increased auditory familiarity with the tape-recordings, along with simultaneous reading, will produce an ability to interpret the main features of the transcription in due course. And whenever it is important to focus on a prosodic effect in the section below, we shall be providing a general description of the effect in the commentary, by way of clarification. However, to learn to use a prosodic transcription can be very helpful, in that it can help to identify specific contrasts which may be causing difficulties of interpretation, and also be a way in which awareness of the patterns present in these texts may be more readily extended to the analysis of English usage in general. The transcription, and the terminology which accompanies it, is simply a way of talking about an unfamiliar but fundamental area of English usage. How complex it seems to you will depend on how much previous experience you have had in reading and using phonetic transcriptions, or linguistic symbolism of any kind.

We have tried to minimize difficulty in this matter by printing the extracts in ordinary spelling and not in phonetic or phonemic transcription in order to make them more immediately easy to read for the many advanced students who have not been trained to use a full transcriptional system, but who at the same time are able to read normal English orthography fluently. In effect, we are assuming that students at this level will in any case know how to pronounce the words contained in the extracts, and that there is nothing to be gained by printing these in phonemic script. This of course means that we can no longer make explicit the whole range of assimilations and elisions which characterize so much of connected speech; but wherever particularly interesting problems arise, the student will find that

these are given adequate attention in the commentaries. We also devote the pronunciation section of the analytic discussion in Chapter 3 to this point. The only times we actually use a phonemic transcription in the texts is to indicate misarticulated or unidentifiable lexical items.¹

Our principle, then, is to make use of ordinary orthography as far as possible. However, this principle cannot extend to the use of normal punctuation, as this is an extremely poor reflection of the prosodic features of speech, which are so essential for satisfactory comprehension. We have therefore developed a system of notation which enables us to mark in each prosodic feature as it occurs, and this is what accounts for any unfamiliarity in the appearance of the extracts below. It will be found, however, that it is perfectly possible to read through the extracts with ease, if certain points are borne in mind. The main thing to be aware of is that the prosodic transcription does not have to be assimilated all at once. All prosodic features are important, since they can all alter the meaning of a sentence; but some features are much more important than others. Altering one prosodic effect to another may at times produce a startling change of meaning; but at other times the effect may be so subtle that the listener hardly notices, except perhaps to have an uncomfortable feeling that something different has happened. The prosodic effect which underlies the vivid description 'An ironic note crept into his voice' is extremely subtle, compared with that which underlies such attitudes as anger or puzzlement, for example. In our transcription, we have tried to 'grade' the importance of the prosodic effects by using the range of typographic devices we had at our disposal. To get the 'basic' meaning of the transcribed sentences, then, it is not essential for the student to laboriously work through the entire transcription; all he need do is be clear about the basic conventions of *layout*, *pause marking*, *intonational organization*, and *general direction of pitch movement*. If a prosodic effect not falling under these headings turns out to be of crucial importance for the basic interpretation of the utterance, then, of course, we shall say so.

Layout

The speakers are named in order of speaking, A, B, C, etc., and at a change of speaker the transcription commences a new line. Whenever one speaker begins to speak while the other is already speaking, the

1. Here, as elsewhere in this book, the phonemic symbols we use correspond with those given by Gimson (1970).

overlapping utterances are printed one beneath the other. For example, in the following, speaker A says 'wasn't it' at the same time as speaker B says 'all the':

A that was a bit early wasn't it
all the all the joys were . . .

In the case of 'agreement noises' and short responses used in a sequence while someone else is speaking, we print these in brackets within the main speaker's continuous utterance at appropriate points, as follows:

A (yes) we don't have any bangers I can't stand those (yes) — just the . . .

Whenever what is on the tape is unintelligible, we use the convention ~ within the transcription. Words which are begun but unfinished are written out as far as they go, e.g. 'they are playi- playing'. Uninterpretable syllables are transcribed phonemically.

Extralinguistic effects, such as laughter, are printed in italics, as in A *laughs*.

Pause marking

Four lengths of pauses are marked, the shortest with a dot (.), the next longest with a dash (—), the next with two dashes (— —), and the longest with three (— — —). Hesitation noises, indicated by *er*, *erm*, *m* are transcribed in sequence with the text, as they occur. Hesitant *the* is transcribed *thi*. Observing the pauses, along with the intonation conventions below, will be sufficient to identify the sentences and other grammatical structures of the texts. Capital letters, which are purely features of the written language, are therefore unnecessary at the beginnings of sentences. We have retained them only in the case of proper names, to aid immediacy of comprehension, and in the case of the pronoun 'I'.

Intonation organization

The basic pronunciation units for connected speech are patterns of pitch movement which we call *tone-units*. A tone-unit is a distinctive configuration of pitches, with a clear centre, or *nucleus*. In our transcription, the thick vertical bar, |, indicates the boundary between tone-units. The nucleus is the syllable (or, in some cases, series of syllables) which carries the greatest prominence within the tone-unit. It has been given various names in the linguistic literature—'primary stress', 'primary accent', 'tonic syllable', for instance. It follows that the word—or words—which contains the nuclear syllable will

correspondingly stand out as the most important word in the tone-unit, and this we print in small capitals. It is of major importance to get the placement of the nucleus right, as it is the main means whereby contrasts in emphasis are communicated in English, as in:

| he was a terribly NICE man | as opposed to
| he was a TERRIBLY nice man |.

General direction of pitch movement

The pitch movement on the nucleus is the main factor governing perception of the overall tune, and as contrasts here can condition considerable differences, the various nuclear movements are given some prominence in our transcription. Nuclei will be seen to fall (marked by ^ over the vowel of the appropriate syllable in the word which contains it), rise (.), stay level (—), fall and then rise (v), rise and then fall (^), and there are a few combinations of tones (e.g. fall plus rise, ^ ^). The general movement of the rest of the tone-unit may be judged by observing whether a syllable involves a step-up in pitch, indicated by †, or a degree of stress only, indicated by †. Extra strong stress is marked by *. The only other important factor is that the first prominent syllable of the tone-unit, or *onset*, which identifies a speaker's average level of pitch, is marked by a thin vertical bar, |.

It should now be possible to follow the salient points of the transcriptions in relation to the main prosodic features as heard on the tape. For reference, however, we now give a complete glossary of all our symbols.

Table of prosodic features

- | tone-unit boundary
- | first prominent syllable of the tone-unit
- \ falling tone
- / rising tone
- level tone
- ^ rising-falling tone
- v falling-rising tone
- ^ / fall-plus-rise (on separate syllables)
- | the next syllable is stressed
- † the next syllable is stressed and also steps up in pitch
- ! extra strong stress
- pauses, from brief to long
-
-

EXTRACT 1

Talking about football

This extract was taken from a long conversation between two men (B and C below), aged around 40, at the home of one of the authors (A). All three participants had been friends for years. The two men had been invited to have a drink one evening—a regular event—and were unaware that they were being recorded. (When told, afterwards, it cost A many rounds of drinks!) The situation was very relaxed. B, an accountant, is from Ireland, but has been living in Berkshire for some years, and his accent displays a mixture of the regional characteristics of both these areas. C is a primary school teacher, who has also lived in Berkshire for many years, but whose accent has remained predominantly that of his county of origin, Yorkshire. This passage comes from a point about an hour after the start of the conversation. B has been complaining about poor standards in sport and entertainment these days. After an excursus about the cinema (see Extract 13), A takes him up on why he thinks so poorly about football.

A well | what's the · | what's the 'failure with the | f'FOOTBALL | I
mean | this · | this I don't 'really | s'SEE | I mean it · | cos the
| M'ONEY | · | how 'much does it 'cost to get in | | down the | r'ROAD |
| N'OW |

5

B

I | think it | probably - it |
| probably 'is the | M'ONEY | for | what you | g'ET | you | K'NOW | - erm
I was | reading in the | paper this | M'ORNING | a | CHAP | he's a
D | R'ECTOR | of a | big | C'OMPANY | in | B | I | R | M | I | N | G | H | A | M | - who was th
the | world's | number 'one | f'FOOTBALL 'fan | he | used to | s'PEND |
a | bout a | thousand a | Y'EAR | | watching | F'OOTBALL | you | K'NOW |
(C: | c'OO |) -- he's he's | watched 'football in | fevry n · on
| fevry 'league · | 'ground in | É | N | G | L | A | N | D | | all 'ninety | T | W | Ó |
(A | /aug'is) - and he's | been to | A | M | E | R | I | C | A | to | watch | f'West
B | R | Ō | M | W | I | C | H | 'playing in | A | m | e | r | i | c | a | he's · he's | been to the | a
· to | D | H | · the | L | A | S | T | f | f | two or 'three | 'world C'UP | · | world
C'UP | · mat | T | H | I | N | G | S | you | K'NOW | · | T | Ō | U | R | N | A | M | E | N | T | S | - - and he | goes

10

15

18 ADVANCED CONVERSATIONAL ENGLISH

Further information about the kind of prosodic features and the system of marking them used here, and also details of features omitted from our transcription, may be found in Crystal (1969), Crystal and Davy (1969).

- Forthcoming *Aspects of the Sequential Organization of Conversation* (Englewood Cliffs, N.J.: Prentice-Hall).
- 1967 "The First Five Seconds: The Order of Conversational Openings" (Berkeley: University of California Ph.D. dissertation, Sociology).
- 1968 "Sequenzierung in Conversational Openings", *American Anthropologist* LXX:6.
- 1972 "Notes on a Conversational Practice: Formulating Place", in: D.N. Sudnow (ed.), *Studies in Social Interaction* (New York: Free Press).
- Forthcoming *The Social Organization of Conversational Openings* (Philadelphia: University of Pennsylvania Press).
- Schlenker, J.
- 1972 "Towards an Analysis of Natural Conversation and the Sense of *Heheh!*", *Semiotica* VII:4, 344-377.
- Sudnow, D.N. (ed.)
- 1972 *Studies in Social Interaction* (New York: Free Press).

Symbols Used in Transcriptions

- / — indicates upward intonation
- // — indicates point at which following line interrupts
- (n.0) — indicates pause of n.0 seconds
- () — indicates something said but not transcribable
- (word) — indicates probable, but not certain, transcription
- but — indicates accent
- employee — indicates heavy accent
- DO — indicates very heavy accent
- *** — indicates stretching of sound immediately preceding, in proportion to number of colons inserted
- beau- — indicates broken word

Harvey Sacks (b. 1935) is an Associate Professor in Anthropology and Sociology at the School of Social Science, University of California at Irvine. His principal research interest is the analysis of the sequential organization of conversation. Among his major publications are "Das Erzählen von Geschichten innerhalb von Unterhaltungen" (1971), and "An Initial Investigation of the Usability of Conversational Materials for Doing Sociology" (1972).

Emanuel Schegloff (b. 1937) is an Assistant Professor of Sociology at the University of California, Los Angeles. His principal research interest is the analysis of interaction and conversation. Among his major publications are "Sequencing in Conversational Openings" (1968), and "Notes on a Conversational Practice: Formulating Place" (1972).

Language v. 50, n: 4, 1974

pol. ... but rather the most extreme transformation of conversation—most extreme in fully fixing the most important (and perhaps nearly all) of the parameters which conversation allows to vary.

APPENDIX: CONVENTIONS USED IN TRANSCRIPTS

SEQUENCING. The transcription of sequential features is done with special care, using the following conventions:

The double oblique (//) indicates the point at which a current speaker's talk is overlapped by the talk of another:

V: Th' guy says tuh me— 'hh my son // didid.

M: Wuhjeh, do:.

A multiple-overlapped utterance is followed, in serial order, by the talk which overlaps it. Thus C's 'Vi:c' occurs simultaneously with V's 'left', and her 'Victuh' occurs simultaneously with his 'hallway':

V: I // left my garbage pail in iz // hallway.

C: Vi:c,

C: Victuh,

An alternate system is to place a single bracket at the point of overlap, and place the overlapping talk directly beneath the talk it overlaps:

V: Th' guy says tuh me— 'hh my son [didid.

M:

In front of two serially transcribed utterances, the bracket indicates that they start simultaneously:

M: [I mean no no n'no.

V: [P't it back up,

A single right-hand bracket indicates the point at which two overlapping or simultaneously-started utterances end, if they end simultaneously, or the point at which one of them ends in the course of another, or the point at which one utterance-component ends vis-à-vis another. In some data cited in this paper, an asterisk is used instead:

M: [I mean no no n'no.]

V: [P't it back up.]

M: Jim // wasn' home] uh what.

V: Y' kno: w?]

M: Jim // wasn' home* uh what.

V: Y' kno: w?*

In general, the equals sign (=) indicates 'latching'—i.e., no interval between the end of a prior and start of a next piece of talk. It is used for the relationship of a next speaker's talk to a prior speaker's, for the relationship of two parts of a same speaker's talk, and as a transcript convenience for managing long utterances which are overlapped at various points, in which case a through-produced utterance may be more or less arbitrarily broken up:

R: Wuhjeh do: =

V: = I said did, he, get, hurt.

V: My wife // caught d' ki:d, =

R: Yeh.

V: = lightin' a flyuh in Perry's celluh.

V: Well my son did it = I'm gladjer son didn' get hu:rr, 'hh I said but ...

An equals sign at the end of one speaker's utterance, followed by the equals sign combined with a left-hand bracket, indicates that the bracketed speakers have started simultaneously, with

no interval after the preceding talk. This may occur for a speaker followed by two others, or for one continuing speaker and one other:

- J: The son of a bitch gotta / neck cut off. Dass wuhd 'e should of did. =
- V: Wuh-
- V: [I'm not intuh this.
- J: [If he- if he's the one that broke it,

An alternate system is to place double obliques in the course of what is treated as a single ongoing utterance by a first speaker:

- J: --- Dass wuhd 'e should of did, // if he- if he's the one that broke it,
- V: I'm not intuh this.

A right-hand bracket plus equal sign indicates that two utterances have ended simultaneously and will be 'latched' onto by a next. In this case, the two priors are latched onto by two simultaneously-starting nexts:

- V: Ya:fh, well I woulda picked it up.
- M: [I mean no no n'no,] =
- V: [P't it back up,] =
- M: = [It doesn't make any-] =
- V: = [It doesn't matuh,] =
- M: If it breaks]
- V: So dih gu:y] says 'hh

Numbers in parentheses indicate elapsed time in tenths of seconds. The device is used between utterances of adjacent speakers, between two separable parts of a single speaker's talk, and between parts of a single speaker's internally organized utterance:

- V: ... dih soopuh ul clean it up, (0.3)
- (): hchh
- V: No kidding.
- M: Yeh there's nothin the:re? (0.5)
- M: Quit hassling.
- V: She's with somebody y' know 'th ennuh, (0.7) she says 'Wo:w ...

The long dash, rarely used in this paper, indicates an untimed pause, e.g. a 'beat':

- V: I'm intuh my thing, intuh my:-- attitude against oluhh pilh--'th

SOUND-PRODUCTION: Is neither conscientiously nor consistently attended in the present data, but the following special symbols are used:

Punctuation markers are not used as grammatical symbols, but for intonation. Thus a question may be constructed with 'comma' or 'period' intonation, and 'question' intonation may occur in association with non-questions:

- V: Becuss the soopuh dih pudda bu:lb on dih sekkin flav en its burrt ou:!??
- V: A do:g? enna cat is diffrent.
- R: Wuhjeh do:.

Colon(s) indicate that the prior syllable is prolonged. Multiple colons indicate a more prolonged syllable, as in the second example, in which V's 'Wow' covers five syllables in h's overlapped utterance:

- V: So dih gu:y sez 'hh
- M: 'Yeh it's all in the chair all th/at junk is in the chair,] =
- V: 'Wo:.....w] =
- V: =I didn' know tha:t!?

Stressing indicates various forms of stressing, and may involve pitch and/or volume:

- V: I sez y' know wuh, becuss look.
- The relationship between stress and prolongation markers indicates pitch change (or non-change) in the course of a word. In the first sentence, with stress marked only under the first letter, pitch does not change. In the second sentence, pitch drops at the end of 'ha:rd'; in the third, it rises at the end of 'ha:rd?':

- V: 'M not saying he works ha:rd.
- V: I don't work ha:rd.
- H: Does he work ha:rd?

The short dash indicates a 'cut off' of the prior word or sound:

- V: He said- yihknow, I get- I get sick behind it.

The h, within parentheses, within a word or sound, indicates explosive aspiration, e.g. laughter, breathlessness, etc.:

- M: I'd a 'cracked up 'f duh frigg'in (glä- (h)f'y' kno(h)w it) sm(h)a(h) heh heh
- The h without parentheses indicates audible breathing. A dot placed before it indicates an in-breath; no dot indicates out-breath:
- V: So I sez, 'hh wa:l whuddiyu goin do

The degree sign (°) indicates that the talk it precedes is low in volume:

- M: Jim wasn' home, // °(when y' wen over there)
- Upper case indicates increased volume:

- V: En it dint fall OUT!

READER'S GUIDES. The following additional conventions should be noted:

Single pairs of parentheses indicate that transcribers are not sure about the words contained therein:

- M: I'd a 'cracked up 'f duh frigg'in (glä- (h)f'y' kno(h)w it) sm(h)a(h) heh heh
- M: Jim wasn' home, // °(when y' wen over there)

Matched pairs of parentheses indicate not merely two possible hearings, but address the equivocality of each:

- V: I'll be (fih) wihhu.) (back inna minnit.)

Empty parentheses indicate that no 'hearing' was achieved:

- (): Teh! ()

On occasion, nonsense syllables are provided, in an attempt to capture something of the produced sounds:

- R: ('Y' cattuh moo?)

The speaker designation column is treated similarly: single parentheses indicate doubt about speaker, pairs indicate equivocal possibilities, and empties indicate no achieved identification of speaker.

Materials between double parentheses indicate features of the audio materials other than actual verbalization, or verbalizations which are not transcribed:

- M: ((whispered)) (Now they're gonna, hæk it.)
- M: ((RAZZBERRY))
- M: ((cough))
- V: ((dumb-slob voice)) Well we useuh do dis, en we use-
- J: They're fulla sh::it.

Finally, it should be noted that the data excerpts cited in this paper are illustrative. They represent large collections of data on our various points, assembled

SEMINÁRIO DE TRANSCRIÇÕES DE DADOS LINGÜÍSTICOS
MESTRADO EM LINGÜÍSTICA / NURC

BIBLIOGRAFIA COMENTADA

GUMPERZ, John J. *Discourse Strategies (Studies in interactional Sociolinguistics, 1)*. Cambridge. Cambridge University Press, 1982.

Desenvolve abordagens interpretativas sociolingüísticas para a análise de estratégias verbais e, ao mesmo tempo, trata de uma série de temas recorrentes: inferência conversacional, etnografia da comunicação, análise do discurso, comunicação interétnica.

Os objetos de estudo são os processos inferenciais automáticos, contextuais e aqueles ligados ao tempo, incrustados nos processos orais que, somente agora, com o avanço da tecnologia, podem ser detalhadamente investigados.

Há exemplos concretos de conversas que foram transcritas e analisadas com o intuito de revelar o papel das pistas fonéticas e prosódicas, além de outras pistas de contextualização ao gerar as percepções da coerência do discurso na qual a interpretação se baseia.

* * *

GUMPERZ, John J. *Language and Social Identity (Studies in interactional Sociolinguistics, 2)*. Cambridge. Cambridge University Press, 1982.

Elaborado, segundo Gumperz, a partir de pesquisas em grupo de vários autores em forma de cooperativa, mostra os efeitos das diferenças comunicativas e étnicas em conjuntos sociais e propõe aplicações mais específicas da análise sociolingüística interacional.

Neste volume os autores apresentam uma série de estudos de casos explorando situações de comunicação intergrupal na sociedade industrial moderna. Estes estudos são exemplos dos quais procura-se desenvolver abordagens sociolinguísticas de interpretação para a interação humana que é responsável pelo trabalho que os fenômenos comunicativos executam no exercício do poder e controle e na produção e reprodução da identidade social.

* * *

Sugestão para o Seminário:

Com base na leitura destes dois volumes, sugiro um estudo detalhado das notações prosódicas utilizadas por esse autor e outros, principalmente na transcrição de entrevistas, objetivando a elaboração de uma lista de convenções prosódicas a ser utilizada pelo NURC, evitando-se assim heterogeneidade e dubiedade nas convenções transcritas.

* * *

Maria Lúcia Ribeiro de Oliveira
Aluna do Mestrado em Lingüística
Recife, março de 1985

NORMAS DE TRANSCRIÇÃO (cont.)

OBSERVAÇÕES:

1. Iniciais maiúsculas: são para nomes próprios ou para siglas (USP etc)
2. Fáticos: ah, eh, eh, ahn, ehn, uhn, tã (não por estã: tã? você estã brava?)
3. Nomes de obras ou nomes comuns estrangeiros. grifar.
4. Número: devem estar por extenso.
5. Não se indicará o ponto de exclamação (frase exclamativa)
6. Não deve ser anotado o cadenciamento da frase.
7. Podem-se combinar sinais. Por exemplo: ohz::... (alongamento e pausa)
8. Não serão utilizados sinais de pausa, típicos da língua escrita, como ponto-e-vírgula, ponto final, dois pontos, vírgula. As reticências marcarão qualquer tipo de pausa.

Luanda

23
9:00h

[ou // - ponto em que ocorreu a superposição de falas
 // // (seguidos de ordenações) múltipla superposição
 [(na frente de duas expressões) início simultâneos
] ou * fim da superposição ou simultaneidade
 - não existência de intervalo entre o fim de tecto de fala
 e o começo de outro

= [início simultâneos de dois falantes sem intervalo

] = duas expressões que terminam simultaneamente sem

] = intervalo entre estas e as seguintes

(0,3) tempo em ^{décimo de} segundos (entre expressões, entre partes de
 expressão de um falante organizada internamente)
 - pausa não medida (entre sílabas ou palavras)

] ou . entonação

? entonação ascendente

: sílaba anterior é prolongada

iii " " mais prolongada ainda

- (debaixo da palavra) vários acentos (tom, volume)

- (entre palavras) parada e retomada de uma pala-
 vra ou mais

(h) aspiração explosiva, riso, ...

h respiração audível

CHEGOU aumento de volume

(.) baixo em volume

() incerteza das palavras contidas nelas, não foi
 audível

() duas possibilidades

()

(iii) sons possíveis

(()) tosse, modulações especiais da voz

() não sabe quem é o falante

(está)
(dei)xo vê



1. As sugestões para transcrição seguem de perto o padrão escrito o que representa uma incoerência com a própria natureza do objeto a ser analisado - a língua falada.
2. A simplificação adotada na transcrição dos inquiridos, se, por um lado, possibilita a utilização do texto por pesquisadores de várias áreas de conhecimento, por outro, traduz de forma incompleta ou imprecisa as características da língua falada, particularmente no que se refere aos aspectos conversacionais.
3. O modelo de transcrição sugerido não resolve os inúmeros problemas tais como:
 - hesitações do falante
 - pausas
 - entoações
 - ritmo da fala
 - ênfase
4. Justificar ter mantido a grafia convencional e não usar maiúsculas e pontuação.
Justificou o uso da crase
5. Marcar as hesitações com ah, eh
6. Como, regra geral, a sílaba tônica tem tom alto, só será feita a marcação, se houver, necessidade

Transcrição Conversacional: uma sugestão

Introdução

Os estudos lingüísticos mais recentes têm seguido uma linha de trabalho onde se privilegia a transcrição e processamento com ênfase na análise do discurso e, em especial, do discurso conversacional. Em decorrência de tal perspectiva, surge a necessidade de documentar - se as realizações lingüísticas de modo que, além do registro magnetofônico, ofereçam ao pesquisador possibilidades, em momentos posteriores de produção do discurso, análise e interpretação de símbolos capaz de recuperar - as enunciações. Não há necessidade de novas regras transcrição, embora impossível atingir um caráter universal, poder estabelecer critérios gerais para as pesquisas conversacionais

Por outro lado, espanhol esse acentua a natureza interdisciplinar da linguagem, no âmbito das Ciências Humanas, por isso a preocupação de constituir-se um acervo lingüístico capaz de funcionar como um material de consulta e diferente.

propósitos e pesquisas. No entanto, essa perspectiva impõe dificuldades. Ademais, a prática, primeiro, pelo fato de não existir um conjunto de normas de transcrição fonológica já testadas e aprovadas; em segundo, lugar pela necessidade de um primeiro redigido de símbolos que representem aspectos lingüísticos contextuais e supra-seg-

mentos. O projeto de estudo conjunto e brasileiro da norma lingüística urbana culta (Projeto NURC), que visa a investigar a fala culta média (habitual), referentes às atitudes formal e informal, recebe um tratamento específico em vários níveis da programação interamericana

3/ de Linguística e Ensino de Idiomas (PILÉI). Para as
aparações dos inquiridos tomou-se por
base um guia - questionário, organizado
pela Universidade de Mérida, que foi
adaptado e ampliado pelas equipes
do Projeto NURE. No entanto, apesar
de todos os cuidados, as normas
de transcrição adotadas limitam-se
aos pontos da língua escrita, per-
tencendo - se, em geral, poucos elementos
da língua oral. Apresentam-se aqui as
discussões para o tratamento dos problemas de
transcrição, levadas a efeito, no âmbito
das reuniões nacionais, nas apresentações
simultâneas, resultados satisfatórios.
Foi em vista das dificuldades
mais presentes de análise de discursos
conversacional, a equipe do Projeto NURE
recorreu para a participação de um grupo de tra-
balho com o objetivo de sugerir
normas gerais para a transcrição con-
versacional e, especificamente, para o
Projeto NURE.

hinc etc documentis, petens - re,
 portante, ~~facere~~ una ~~quodam~~ ~~inter~~ ~~est~~
~~quodam~~ ~~est~~ ~~est~~ ~~est~~ ~~est~~
 NURE e ~~magis~~, ~~non~~ ~~hinc~~ ~~non~~
 multo ~~est~~ ~~est~~, ~~non~~ ~~est~~ ~~est~~
 Tenetur a ~~est~~ ~~est~~ ~~est~~ ~~est~~